



JUNGUIANA



Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA)
Member of the International Association for Analytical Psychology (IAAP)



JUNGUIANA

REVISTA LATINO-AMERICANA DA SOCIEDADE
BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ANALÍTICA
Volume 36-1/2018

Editorial

Vera Lúcia Viveiros Sá – editora-geral
Fani Goldenstein Kaufman – editora assistente
Victor Roberto da Cruz Palomo – editor assistente

Conselho Editorial

Augusto Capelo
Ana Célia Rodrigues de Souza.
Fani Goldenstein Kaufman
Fernanda Gonçalves Moreira
Marfiza Reis
Maria Zélia de Alvarenga
Vera Lucia Viveiros Sá
Victor Roberto da Cruz Palomo
Zara e Oliveira Freitas Magalhães Lyrio

Conselho Editorial Internacional

Axel Capriles – Sociedad Venezolana de
Analistas Junguianos
Jacqueline Gerson – Asociación Mexicana de
Analistas Junguianos
Juan Carlos Alonso – Asociación para el Desarrollo
de la Psicología Analítica en Colombia – Adepac
Luis Sanz – Asociación Venezolana de
Psicología Analítica
Mariana Arancibia – Grupo de Estudios C. G. Jung
de Chile
Mario E. Saiz – Sociedad Uruguaya de Psicología
Analítica
Nestor Costa – Asociación de Formación e
Investigación en Psicología Analítica
Patricia Michan – Asociación Mexicana de Analistas
Junguianos
Vladimir Serrano Pérez – Fundación C. G. Jung
del Ecuador

Consultores científicos

Christina Hajaj Gonzales – Universidade Federal de
São Paulo, SP
João Frayze-Pereira – Universidade de São Paulo, SP
Marilynce Moura – revista *Pesquisa Fapesp*, SP
Marisa Müller – Pontifícia Universidade Católica, RS
Paulo Vaz de Arruda – Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo, SP

Capa: Ana Gabriela Barth
São Paulo, 2018

A revista *Junguiana* tem por objetivo publicar trabalhos originais que contribuam para o conhecimento da psicologia analítica e ciências afins. Publica artigos de revisão, ensaios, relatos de pesquisas, comunicações, entrevistas, resenhas. Os interessados em colaborar devem seguir as normas de publicação especificadas no final da revista.

A *Junguiana* também está aberta a comentários sobre algum artigo publicado, bastando para isso enviar o texto para o e-mail artigojunguiana@sbpa.org.br.



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE PSICOLOGIA ANALÍTICA

SBPA-São Paulo

Presidente André Luiz Saraiva Pinheiro
Diretor Administrativo/Financeiro Luis Fernando Nieri de Toledo Soares
Diretora do Instituto de Formação Jane Eyre Sader de Siqueira
Diretora de Cursos e Eventos Ana Maria Cordeiro
Diretora da Biblioteca Dora Eli Martin Freitas
Diretora da Clínica Vera Lucia Colson Valente
Diretora de Comunicação/Divulgação Luciana Bagatella

São Paulo

Rua Dr. Flaquer, 63 – Paraíso – 04006-010
Telefax: (11) 5575-7296
E-mail: sbpa@sbpa.org.br
Home page: www.sbpa.org.br

SBPA-Rio de Janeiro

Presidente: Maddi Damião Júnior
Administração e Secretaria: Marcelo Fiorillo Bogado
Publicação e Biblioteca: Alexandre Alves Domingues
Cursos e Eventos: Cynthia Pereira Lira
Finanças e Tesouraria: Carla Maria Portella Dias Bezerra
Cursos e Eventos; Ensino: Elizabeth Christina Cotta Mello
Tel.: (21) 2235-7294
E-mail: sbparj@bighost.com.br
Home page: www.sbpa-rj.org.br

Indexação

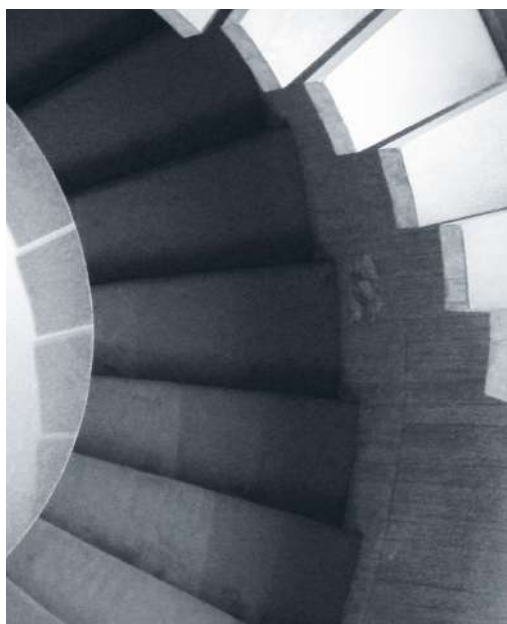
Index Psi Periódicos: www.bvs-psi.org.br
Base de dados Lilacs/Bireme – Literatura Latino-
-Americana e do Caribe da Saúde, da Organização
Pan-Americana da Saúde (Opas) e da Organização
Mundial da Saúde (OMS). www.bireme.br
PePSIC <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt>

Editora CABOVERDE

Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira
de Psicologia Analítica – n.1 (1983)
São Paulo: Sociedade, 1983 -
Semestral
ISSN 2595-1297
1. Psicologia – periódicos

CDD 150

Editorial



A SBPA faz 40 anos e temos muito a comemorar. Ao longo dessas décadas de existência, a instituição tem cumprido, com excelência, as missões de formar analistas, divulgar a Psicologia Analítica e participar na comunidade. Fazendo parte das comemorações, a Junguiana perguntou aos membros fundadores que presente gostariam de dar a sua criação. As respostas foram textos comoventes. Publicamos os presentes de Iraci Galiás e Nairo de Souza Vargas, no início deste volume 36\1.

Continuando no espírito festivo, apresentamos o artigo “Música: uma possível ampliação de recursos no *setting* analítico”, no qual são discutidas as relações entre música, imaginação ativa, neurociências e as implicações da utilização desta arte no *setting* analítico. “Reflexões sobre a prática da supervisão na formação profissional: uma perspectiva junguiana” elabora sobre a prática da supervisão e o seu papel na formação profissional. O texto “A relação professor-aluno: o arquétipo *puer-senex*” realiza uma revisão de literatura junguiana, estabelecendo uma interlocução entre a psicologia analítica e a educação. Em “Expressões da sexualidade: um olhar junguiano”, a autora afirma que as questões de identidade de gênero e de orientação sexual são um desafio à consciência coletiva. No artigo “O curador-ferido e a individuação”, encontraremos reflexões a respeito da importância da elaboração do arquétipo do curador-ferido na vida do analista. Finalizamos com duas resenhas: “*Anima-Animus* de todos os tempos” e “Intimidade em relações amorosas”.

O presente da revista – como boa filha – para a SBPA foi ter obtido o ISSN (*International Standard Serial Number*), sigla em inglês para número internacional normalizado para publicações seriadas, que é o código aceito internacionalmente para individualizar o título de uma publicação. Esta conquista consolida a Junguiana no mundo virtual e amplia a participação da Psicologia Analítica na cultura do nosso tempo.

Boa leitura!

Editores

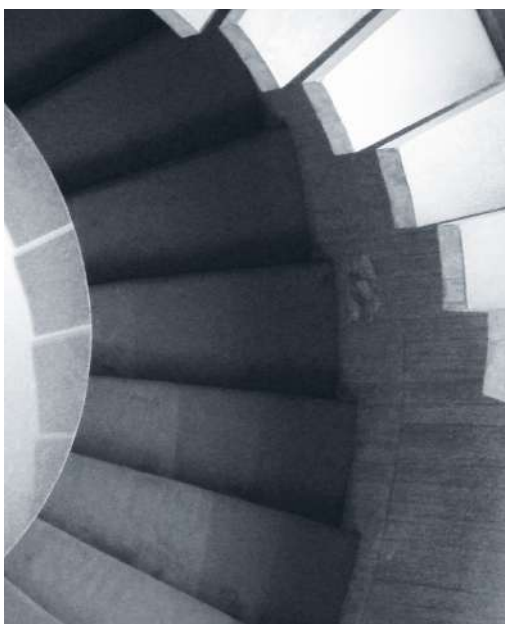
Sumário

Contents

- 5 Presente à SBPA
Iraci Galiás
- 7 A SBPA faz aniversário de 40 anos
Nairo de Souza Vargas
- 9 Música: uma possível ampliação de recursos no *setting* analítico
Music: a possible expansion of resources in the analytical setting
Julio César Nunes Ito
- 19 Reflexões sobre a prática da supervisão na formação profissional: uma perspectiva junguiana
Reflections on the practice of supervision in vocational training: a junguian perspective
Elizabeth Christina Cotta Mello e Maddi Damião Jr.
- 27 A relação professor-aluno o arquétipo *puer-senex*
The teacher-student relationship: the *puer-senex* archetype
Vivian de Freitas Bandeira e Ivelise Fortim
- 37 Expressões da sexualidade: um olhar junguiano
Expressions of sexuality: A junguian view
Ana Lia B. Aufranc
- 49 O curador-ferido e a individuação
The wounded healer and individuation
Renata Ferraz Torres
- 59 Resenha
Review
“Anima-animus de todos os tempos”
Anima-animus de todos os tempos
Ana Maria Cordeiro
- 60 Resenha
Review
“Intimidade em Relações Amorosas”
Intimidade em Relações Amorosas
Álvaro Nascimento
- 79 Normas
Guidelines for publishing

Ensaio

Presente à SBPA



Querida SBPA,

Hoje você faz 40 anos. Idade linda. Madura e jovem, combinação incrível. Cheia de vida e não mais principiante. Perguntada sobre que presente de aniversário eu gostaria de dar a você, me pus a pensar. Difícil, após tantos presentes seus, por mim recebidos.

Você cresceu e hoje tem muitos filhos. Que bom, vejo com admiração e gratidão como esses filhos cuidam bem de você! Mercedamente, pois você cuida deles com primor. Sua casa, sempre cheia, com tanta vida, requer cuidados. Que graça ver como esses filhos cuidam de sua casa! E como a movimen-

tam, com eventos ricos, troca de conhecimento, de planejamentos, de encontros, de discussões, às vezes bem acaloradas, com concordâncias e discórdias, às vezes com serenidade e, em outras, nem tanta... Meu coração se entenece. E você merece. Você retribui muito, mostrando que vínculos são sempre mesmo como uma rua de mão dupla, com essa energia inquieta, que desacomoda, que às vezes até incomoda, mas que não para de circular. Vejo eventos, movimentos, vejo muito trabalho e também divertimento.

Voltando ao presente, qual seria? Não consegui chegar a um só. Pode ser dois? Acho que sim. Ou melhor, um só, porém composto de dois itens: uma viagem e uma joia.

A viagem seria com direito a você levar, se quiser, toda sua família. Para você ver e a eles mostrar toda a beleza do mundo, que contém também suas feiuras. Para você mostrar tanta coisa com que pudéssemos entender melhor a complexidade dos vínculos. As dificuldades e o gozo das relações entre pais e filhos. Esse binário difícil no vínculo de irmãos. De irmãos institucionais, com os quais brigar e o ficar de bem acontecem. Uma viagem rica em que você, SBPA querida, juntamente com desfrutar de filhos tão capazes, também os ajudasse a continuar cultivando, em sua casa tão fértil, a criatividade de tantos vínculos, o ir e vir precioso de tantas emoções doces e penosas, a partilha do conhecimento, da criatividade, das ideias, o acolhimento dos desentendimentos, a comemoração dos encontros. Uma viagem em que você pudesse ajudar os filhos a ter um olhar vasto o suficiente para ver que as diferenças devem caber, que as igualdades devem deleitar, que as críticas podem machucar, sim, mas também podem construir, se contidas nessa família maior, que de tão viva, pujante e profunda não para de crescer. Uma viagem na qual você pudesse, querida SBPA, mostrar a seus tantos filhos que crescer não é o mesmo que inflar. Crescer, sem perder a pro-

fundidade preciosa que você sempre teve, a ética básica e fundamental sempre buscada e por tantas vezes tão difícil de ser acordada entre todos, por sua inerente complexidade. Uma viagem mostrando a importância dos desejos, dos apegos, do carinho, da acolhida, do afeto. Uma viagem que passasse pelos caminhos da discriminação entre os opostos, do certo e do errado, do bem e do mal, do claro e do escuro, do que pode e do que não pode, do que deve e do que não deve ser feito. Uma viagem que mostrasse a importância de se relativizar os polos, que ensinasse a troca de lugar com o outro, tão importante para o exercício da convivência, para a busca de nossa inteireza. Uma viagem que passasse pela Terra da Sabedoria, mostrando ao mesmo tempo esse todo gigante de que se compõe nossa natureza e a diminuta centelha que somos no imenso Universo. Uma viagem que ressaltasse a dimensão ética, em seus diferentes princípios. Em um momento de tanto movimento à volta da triste corrupção em nosso país, gostaria de dar a você uma viagem que percorresse sem pressa os caminhos da ética, relacionada a todos os princípios, a ética do desejo e do afeto, da discriminação e das hierarquias, da interação simétrica e dialética com o outro, da ética para com o todo. Uma viagem que ressaltasse a importância de que não nos corrompa o poder, ainda que seja aquele trazido pelo saber. Que não nos corrompa nosso lado obscuro. Uma viagem, finalmente, pelos caminhos lindíssimos da luz e pelos caminhos profundos e às vezes tão dolorosos da sombra. Uma viagem rica, de conhecimento, de realizações, de espiritualidade, de alma e de muito amor.

A joia? Sim. Ao término da viagem, a joia merecida, de nome Individualização, que siga buscando o sentido da Vida, plena de símbolos. Afinal, somos junguianos. Esse gênio, mestre Jung, merece nosso reconhecimento amoroso.

FELIZ ANIVERSÁRIO, SBPA!

Com amor e carinho,

Iraci

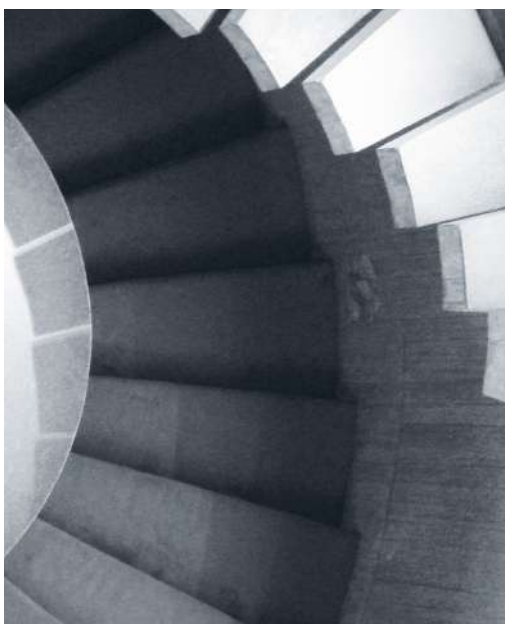
Iraci Galiás*

* Médica psiquiatra. Membro-fundadora da SBPA.

E-mail: <imeg@uol.com.br>

26/4/2018

Ensaio



A SBPA faz aniversário de 40 anos

Nossa querida SBPA completou 40 anos.

Nasceu, cresceu, amadureceu e chega à maturidade, atuante e criativa em nosso meio.

É para mim motivo de grande satisfação constatar que, em todos os dias, as salas de aula e de palestras de sua sede estão ocupadas. Não somente com cursos de formação de analistas, seu principal objetivo, mas com inúmeras outras atividades. São cursos oferecidos à comunidade que abordam os mais variados temas culturais, em especial, das áreas de psiquiatria e psicologia. Nelas acontecem supervisões, atendimentos psicoterápicos e grupos de estudo, além de reuniões de grupos multiprofissionais de estudo e pesquisa de membros da SBPA e de colegas de outras especialidades.

Éramos poucos por ocasião de seu nascimento, com muitos sonhos e ideais de promover a Psicologia Analítica em nosso meio. Pretendíamos oferecer uma sólida e seria formação profissional para analistas em nosso meio, até então inexistente. Para nossa própria formação tivemos que importar professores da Europa e dos Estados Unidos, com muito sacrifício. Pretendíamos agora poder oferecer esta formação em nosso país.

Como membro-fundador, fico muito feliz e realizado em ver nossos sonhos tornarem-se realidade.

Vejo a “quarentona” SBPA ser parabenizada e reconhecida por suas realizações. Que bom nós, que apenas demos o início, vemos que muitos nos acompanharam, enriquecendo e realizando nossos sonhos e propósitos.

É uma “jovem senhora”, com muita energia e realizações. Ela tem promovido a difusão da Psicologia Analítica, não só no Brasil, mas em vários outros países da América Latina onde já existem filhas suas, frutos da seriedade e dedicação de seus membros.

A data merece ser celebrada, pois seus membros, dedicados, sérios e criativos, fizeram com que ela seja tudo o que é atualmente.

Este nosso primeiro encontro no Café Bienal, como parte das comemorações de seus 40 anos, foi muito agradável e feliz, possibilitando o convívio com muitos colegas que vieram prestigiar e comemorar seus 40 anos.

O melhor presente que podemos oferecer à aniversariante é continuarmos dando-lhe nosso amor e dedicação, propiciando realizações e sacrifícios que realmente a tornaram cada vez mais uma excelente associação de analistas junguianos.

Como em todo processo de vida, ela experimentou bons e maus momentos. Já esteve em certo momento, até ameaçada de falir, mas reergueu-se, renascida e amadurecida.

Nossa torcida é para que ela continue seu processo de vida, sendo criativa e inovadora difundindo, e enriquecendo e atualizando o pensamento e propostas de Jung.

Alguns a deixaram, mas muitos outros estão firmes e dedicados à causa e ideais que nos une. Que eles continuem e se multipliquem, sem perder a seriedade que ela merece. Estes são os nossos votos.

A SBPA somos nós, que a mantemos viva e pujante, sem inflar, e sim crescendo de modo responsável.

Ela talvez tenha crescido pouco quantitativamente, porém ela atinge sua maturidade com muito boas qualidades e realizações.

Que este primeiro encontro seja seguido por outros que nos levem a homenagear, através de seus membros, uma SBPA viva, séria e criativa como sociedade de analistas junguianos. Jung sempre disse esperar que não existissem junguianos, querendo, com isto, dizer que cada um é um indivíduo e responsável por tudo aquilo que faz ou deixa de fazer, como profissional em seu trabalho analítico. Portanto, sem atribuir a outros a responsabilidade por sua conduta. Ser junguiano é ser fiel a seu próprio processo de individuação.

Como membro fundador, gostaria de agradecer a todos aqueles que têm dado continuidade a nossos sonhos e ideais, tornando realidade uma sociedade que está cumprindo os propósitos que nós queríamos.

Muito obrigado a todos que presentearam a SBPA com todas estas realizações. Que todos continuemos a investir e cuidar de nossa SBPA e que, após seus 40 anos, merecidamente comemorados, ela continue seu processo de individuação, se renovando e sempre renascendo após grandes mudanças e superação de dificuldades.

São Paulo, 18 de abril de 2018.

Nairo de Souza Vargas*

* Médico psiquiatra. Membro-fundador da SBPA.

E-mail: <nairosvargas@gmail.com>

26/04/2018

Música: uma possível ampliação de recursos no *setting* analítico

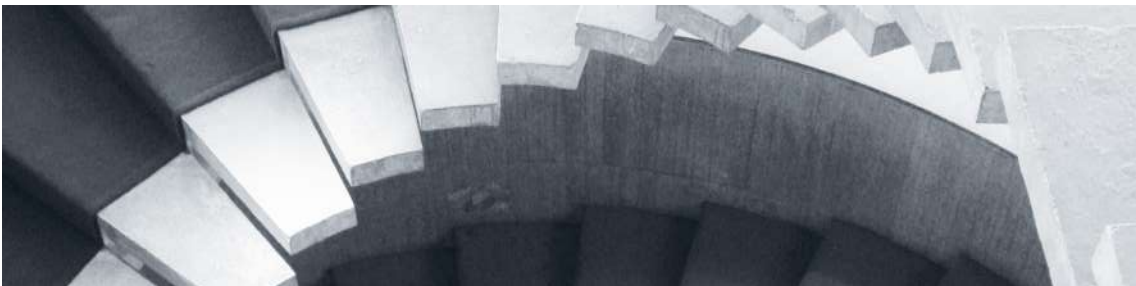
Julio César Nunes Ito*

Resumo

Num movimento de resgate do valor terapêutico da música, este artigo procura ampliar as possibilidades de recursos a serem trabalhados no *setting* clínico junguiano. Através de uma revisão de literatura da psicologia analítica, percebeu-se uma carência de material relacionado à música como um recurso terapêutico. A partir deste ponto, são apresentadas algumas reflexões de como a música e o inconsciente podem se relacionar pela perspectiva da psicologia analítica. A experiência pessoal de C. G. Jung com a música, as relações entre música e imagina-

ção ativa, música e neurociências, assim como algumas implicações da utilização desta arte no *setting* analítico são discutidas neste trabalho. Inserindo a música na clínica junguiana, ela apresentou-se propícia a: estimular a função transcendente, favorecendo a evocação de imagens da psique; rebaixar as defesas egoicas; complementar o trabalho como uma linguagem não verbal e a induzir ao relaxamento, auxiliando a passagem para um estado alterado de consciência, enriquecendo assim o trabalho terapêutico com material simbólico-musical. ■

Palavras-chave
Música,
psicologia
analítica,
inconsciente,
imagem, Jung.



* Psicólogo, psicoterapeuta de orientação junguiana. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU).
E-mail: <julioitou@gmail.com>

Música: uma possível ampliação de recursos no *setting* analítico

1. Introdução

A palavra música em sua etimologia faz menção à arte das musas gregas. Musas que se movem e comovem a humanidade desde a antiguidade. Na mitologia grega, Orfeu era filho da musa Calíope, a mais importante entre as musas. Sua habilidade e excelência musicais faziam com que os animais selvagens o seguissem e também conseguiam abrandar a ira de homens revoltados (BRANDÃO, 1997). Através de sua música, “a roda de Ixíon deixa de girar, a pedra de Sísifo equilibra-se por si própria imobilizando-se, Tântalo esquece a fome e a sede, as Danaides já não tentam encher de água o tonel perfurado” (GRIMAL, 2014, p. 341). Dessa forma, nota-se o poderoso papel da música na mitologia grega, possibilitando a alteração do destino – até então imutável – dos seus mitos.

Sendo uma parte inseparável da vida, os sons já estão presentes desde a concepção do ser humano: pulsações, coração batendo, ritmos nos fluídos corpóreos em movimento, pulmões respirando sincronicamente, a voz da mãe e do ambiente reverberando no espaço intra e extracorpóreo.

“A música conecta corpo e alma, e indo além, ela liga o ctônico com o espiritual” (ASH-TON, 2010, p. 10, tradução nossa).

Na literatura junguiana brasileira, encontram-se alguns artigos e textos abordando letras de canções com suas respectivas análises, porém, há dificuldade em encontrar informações sobre a utilização desta arte como um recurso terapêutico no *setting* junguiano.

Este artigo visa resgatar o valor terapêutico da música e sua utilização na clínica junguiana, ampliando assim a gama de possíveis recursos a serem utilizados. Seja em atendimentos individuais, em grupo ou alguma derivação destes, o elemento musical que, para algumas culturas foi a primeira forma de comunicação, sempre esteve à disposição dos terapeutas.

Empiricamente, é possível observar e sentir a facilidade que a música tem de mobilizar a psique, intensificando a sensibilidade. Quando se ouve uma música, pode-se perceber o despertar de uma pluralidade de emoções que reverberam e estimulam uma variada gama de sensações e percepções. É como se ela fosse uma linguagem emocional – cujo conteúdo é composto por melodia, timbre, ritmo, harmonia, tempo etc. – capaz de alcançar áreas da psique onde outros estímulos apresentam maior dificuldade para tal ou mesmo não conseguem produzir efeito similar (VON BARANOW, 1999).

Ou seja, a música possui uma propriedade que transcende o intelecto e favorece o contato com o desconhecido, como Freud em *O Moisés de Michelangelo* ressaltara na sua experiência com o fenômeno musical:

Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las, à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve o seu efeito. Onde não consigo fazer isto, como, por exemplo, com a música, sou quase incapaz de obter qualquer prazer. Uma inclinação mental em mim, racionalista, ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber porque sou assim afetado e o que é que me afeta (FREUD, 1995, p. 213).

Em *Re-vedo a psicologia*, Hillman (2010) observa a similaridade entre alma e música: por meio de temas recorrentes e em múltiplas roupagens, ambas falam incessantemente de si mesmas.

Nas seções abaixo serão apresentadas algumas relações da música com a psicologia analítica de Carl Gustav Jung: um breve histórico do relaciona-

mento de Jung com a experiência musical; (neuro) imaginação musical; o caráter simbólico da música; e algumas implicações da utilização da música como recurso terapêutico no *setting* analítico.

2. Jung e a experiência musical

No final de sua vida, Jung (2002) escreveu:

É certo que a música, bem como o drama tem a ver com o inconsciente coletivo; [...] De certa forma, a música expressa o movimento dos sentimentos (ou valores emocionais) que acompanham os processos inconscientes. O que acontece no inconsciente coletivo é por sua natureza arquetípico e os arquétipos têm sempre uma qualidade numinosa que se manifesta na acentuação do emocional. A música expressa em sons o que as fantasias e visões exprimem em imagens visuais (p. 150).

E foi em 1956 que ocorreu o encontro entre Jung e a pianista e musicoterapeuta Margaret Tilly. O psiquiatra suíço havia convidado Tilly depois de ter recebido suas correspondências relatando seus estudos sobre a utilização da música e seus efeitos terapêuticos. Jung disse a ela que sempre achou a musicoterapia sentimental e superficial, porém, que seus casos eram totalmente diferentes do que ele imaginava (TILLY, 1977). Neste encontro, Jung solicitou à Tilly que o tratasse exatamente como se ele fosse um de seus pacientes e, após um tempo, disse:

Isto abre novos caminhos de pesquisas que eu nunca sonhei. Por causa do que você me mostrou nesta manhã – não só o que você disse, mas o que eu senti e experienciei – sinto que, a partir de agora, a música deva ser parte essencial de toda a análise. Isto alcança o profundo material arquetípico que nós só podemos às vezes alcançar em nosso trabalho analítico com pacientes. Isto é muito notável (TILLY, 1977, p. 275, tradução nossa).

O encontro relatado parece ter sido significativo para Jung. O fundador da psicologia analítica demonstrou surpresa e entusiasmo ao vivenciar a terapêutica através da música. Percebeu que a forma como foi tratado por Tilly permitiu o contato com conteúdos profundos da psique, abrindo assim novas possibilidades na psicoterapia junguiana que até então não haviam sido vislumbradas.

Dessa forma, inaugurou-se um grande marco para a música dentro da psicologia analítica através da importância que Jung conferiu à esta arte após sua experiência pessoal, chegando a imaginar a sua inclusão no processo analítico. Mobilizando a imaginação num cenário onde realmente a música seja um elemento indispensável na análise, é possível que futuramente os institutos junguianos venham a oferecer algum tipo de treinamento necessário para utilizar esse recurso no *setting* terapêutico, assim como a arteterapia e outros recursos expressivos conquistaram seu espaço no campo da psicologia analítica.

Emma Jung (2006) também teceu algumas observações sobre a música, relacionando-a com o espírito:

A música, portanto, pode ser entendida como uma objetivação do espírito, que nem expressa conhecimento no sentido usual, lógico-intelectual, nem se realiza materialmente, mas significa uma representação manifesta dos contextos mais profundos e da mais inabalável regularidade. Neste sentido, a música é espírito, e espírito que leva a lugares escuros e remotos, não mais acessíveis à consciência, e cujos conteúdos praticamente não podem mais ser concebidos com palavras – mas sim através de números, por estranho que pareça – e também ao mesmo tempo e sobretudo através de sentimento e sensibilidade. Este fato aparentemente paradoxal mostra que a música tem condições de permitir o acesso a profundezas onde o espírito e a natureza são *ainda* ou *novamente* um [...] (p. 48–49, grifo do autor).

O espírito, como um guia que pode ser representado pela música, possibilita o acesso aos conteúdos latentes da psique, ampliando o material a ser elaborado. Estes conteúdos parecem dispensar o uso de palavras e de conhecimento intelectual – apontando para o campo do indizível – e, antagonicamente, configuram-se com números e sensibilidade –, ideia que remete à totalidade, na qual um não exclui o outro.

3. (Neuro)Imaginação musical

De uma maneira geral, a música tende a evocar sentimentos e intensificar atividade no hemisfério direito do cérebro que é responsável pela criatividade, reconhecimento de padrões e sentimentos (ASHTON, 2010).

Aleixo, Santos e Dourado (2017) realizaram uma revisão sistemática sobre a eficácia da musicoterapia nos sintomas neuropsiquiátricos (como ilusões, alucinações, agitação, disforia, ansiedade, apatia, irritabilidade, euforia, desinibição, comportamento motor aberrante, distúrbios de sono, apetite e anormalidades alimentares) de pessoas com quadro de demência, em que foram selecionados 12 de 257 artigos. A musicoterapia de relaxamento receptiva foi avaliada como um método que provavelmente obtém melhores resultados nos sintomas neuropsiquiátricos quando comparada à musicoterapia ativa. Embora tenha havido uma heterogeneidade de intervenções, desenho metodológico e instrumentos de avaliação, os estudos indicaram que a musicoterapia individual ou grupal apresentou ser eficaz na diminuição da depressão, agitação e ansiedade.

Tratando-se de casos severos de demência, em 2013, foi realizada uma pesquisa com 39 idosos diagnosticados com Alzheimer de grau severo que foram distribuídos de forma randomizada e cega entre três grupos, nos quais foram comparados os efeitos de diferentes intervenções musicais individualizadas: dois grupos com intervenção musical – a passiva, em que os pacientes apenas ouviam músicas selecionadas através de entrevistas prévias e a interativa, em que, além de ouvirem as músicas selecionadas,

participavam de atividades interativas, como bater palmas, cantar e dançar, acompanhados de um facilitador musical – mais um grupo controle. A curto prazo, o grupo que recebeu intervenção musical – independentemente se foi passiva ou interativa – obteve uma redução no nível de stress e aumento de relaxamento; além disso, a intervenção interativa gerou uma melhora na condição emocional. A longo prazo, a intervenção musical passiva reduziu o nível de stress, induziu ao riso e evocou emoções positivas; já a intervenção musical interativa gerou uma maior redução dos sintomas comportamentais e psicológicos da demência quando comparada à intervenção musical passiva e ao grupo controle (SAKAMOTO; ANDO; TSUTOU, 2013).

Em *Musicophilia: tales of the music and the brain* (Musicofilia: contos da música e do cérebro), o neurologista Oliver Sacks (2007) relaciona a música aos estudos da neurologia. São citados os achados de estudos realizados em meados da década de 1990, através de técnicas de neuroimagem, por Robert Zatorre e seus colegas, nos quais foi verificado que o ato de imaginar música – além de estimular o córtex motor – é capaz de ativar o córtex auditivo com aproximada intensidade da ativação que ocorre quando se ouve música. Além disso, descobriram que imaginar o ato de tocar música também estimula esse mesmo córtex. Neste sentido, a imaginação de um ato pode ativar e estimular as mesmas áreas que a própria ação oferece. A imagem mental, que antigamente se referia quase que exclusivamente ao campo visual, também pode ser inscrita na dimensão musical.

Num outro estudo realizado por Kraemer et al. (2005) foram utilizadas músicas familiares e desconhecidas. Confirmou-se através de imagens de ressonância magnética que, enquanto os participantes ouviam uma música familiar, havia um preenchimento automático por imagens mentais musicais involuntárias quando uma lacuna de silêncio – de dois a cinco segundos – substituída uma parte sonora da música. Era como se, mesmo com a lacuna de silêncio inserida no meio

da música, os participantes ouvirem a música sem interrupções.

Na obra *A Natureza da Psique*, Jung (2011a) observa como um estímulo acústico é capaz de evocar imagens da psique, explicando que, quando se ouve um som indefinido, esse estímulo sonoro ativa e provoca uma série de representações que se desdobram em imagens acústicas, visuais e sensoriais. Neste sentido, para Jung (2011a) a psique é composta por imagens. Considerando que “imagem é alma” (JUNG, 2011b, § 75) e que a dimensão da ótica é insuficiente para sustentar toda a complexidade que abarca uma imagem psíquica (BARCELLOS, 2012), a musicalidade pode se tornar uma imagem por si só (imagem acústica-sonora-musical), complementar à ideia que se faz de imagem ou ainda evocar outras dimensões dela, como a visual ou sensorial. Além disso, a imagem está além dos processos perceptivos:

A imagem interna é uma grandeza complexa que se compõe dos mais diversos materiais e da mais diversa procedência. Não é um conglomerado, mas um produto homogêneo, com sentido próprio e autônomo. A imagem é uma *expressão concentrada da situação psíquica como um todo* e não simplesmente ou sobretudo dos conteúdos inconscientes. É certamente expressão de conteúdos inconscientes, não de todos os conteúdos em geral, mas apenas dos momentaneamente constelados. Essa constelação é o resultado da atividade espontânea do inconsciente, por um lado, que sempre estimula a atividade dos materiais subliminares relevantes e inibe os irrelevantes. A imagem é, portanto, expressão da situação momentânea, tanto inconsciente quanto consciente. Não se pode, pois, interpretar seu sentido só a partir da consciência ou só do inconsciente, mas apenas a partir de sua relação recíproca (JUNG, 1991, § 829, grifo do autor).

Em 2004, Leão e Silva publicaram um estudo realizado com uma amostra de 90 mulheres, cuja idade média foi de 45,5 anos, com diagnósticos de fibromialgia e lesão por esforço repetitivo/doenças osteoarticulares (LER/DORT), e observaram que, além da redução estatisticamente significativa da intensidade da dor, imagens foram produzidas durante a audição musical. Neste estudo, foram utilizadas três músicas: o Bolero de Ravel, o Prelúdio Lohengrin de Wagner e um Mix (não estruturado, desordenado propositalmente), em que se verificou que as músicas estruturadas apresentaram maior potencial de evocação de imagens mentais que o Mix não estruturado e que a evocação destas ocorreu independentemente de preferências musicais, reforçando assim a propriedade evocativa de imagens que a música possui.

Espontânea e repentinamente, como uma experiência universal, um fragmento de música pode vir a emergir. Sacks (2007) questiona este fenômeno – considerando os casos em que a música em questão não tenha sido ouvida recente ou repetidamente – perguntando-se se há alguma razão para que determinada música tenha se apresentado subitamente e também se algo fez com ela surgisse.

Pela perspectiva da psicologia analítica, uma das possíveis respostas para os questionamentos de Sacks poderia ser: “O inconsciente encaminhou esta música”. É interessante perceber que este fenômeno também se estabelece na prática clínica, nos discursos dos pacientes: “Estou com essa música na cabeça...”; “Sonhei que, no ambiente em que eu me encontrava, estava tocando tal música”. Este tipo de comentário pode ser a oportunidade para se investir na dimensão simbólico-musical da psique, sendo possível a formulação de alguns questionamentos como: “Para que esta música veio agora?”; “Qual a mensagem que o inconsciente deste paciente está tentando comunicar à consciência trazendo esta música?”; “Que símbolo é este que espontaneamente emergiu de sua psique?”; “Qual é o significado desta música para esta pessoa?”.

4. O caráter simbólico da música

A partir da consideração de que o ato de fazer música é arquetípico – na qual ela se torna um instrumento de expressão, assim como a linguagem – pode-se conceber que as obras e produções musicais são passíveis de serem apreendidas como manifestações simbólicas dos mais variados arquétipos. Logo, toda produção musical é passível de ser considerada um símbolo. Nesta perspectiva, a música é capaz de constelar temas arquetípicos quando da sua criação/execução, visto que ela propicia a manifestação correlata deles: músicas sobre amor, felicidade, família, amizade, saudade, existencialismo, sagrado, morte etc.:

O processo criativo consiste (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo a formação da imagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando novamente a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado (JUNG, 2011c, § 130).

Como toda obra de arte, a produção musical possui uma natureza polissêmica e multifacetada, ou seja, possibilita a manifestação de múltiplos significados para quem a ouve. Considerando que a polissemia também é a característica fundamental de um símbolo, reforça-se o caráter simbólico da música. Para Jung (1991), o símbolo é a melhor expressão possível de algo parcialmente desconhecido, envolvendo aspectos conscientes e inconscientes.

No processo criativo de uma obra de arte, é a qualidade de síntese que possibilita o surgimento de um símbolo no qual o pessoal e o transpessoal se fusionam (BARCELLOS, 2004).

Assim como a escrita, a pintura e a dança, a música também se torna elegível a ser um possível canal de comunicação simbólico que visa

ampliar o espaço para a elaboração das questões que se apresentam. No *setting* analítico, é importante que o paciente encontre este canal de comunicação simbólico a fim de favorecer a expressão da sua condição emocional (MATTA, 2007).

A necessidade de se investigar outros métodos de exploração do inconsciente já fora apontada por Jung (2011a, § 166): “Quando não há produção de fantasias, precisamos apelar para a ajuda artificial”. Diante deste chamado, a música é resgatada como uma possível resposta.

5. Algumas implicações musicais no *setting* junguiano

Quando se pensa sobre as possíveis utilizações da música como recurso terapêutico, é comum imaginar o par de opostos tocar – escutar. Caminhando em direção ao tocar uma música, pode-se pensar na composição ou na improvisação dela pelo paciente ou terapeuta — levando em consideração que este recurso exigiria uma formação extra do terapeuta, seja ela formal ou não, o que de fato enriqueceria o trabalho. Por outro lado, é vital reconhecer que a vertente do escutar também possui um rico potencial para propiciar um campo fértil no trabalho com o material da psique.

Como um exemplo sobre as diversas formas do trabalho com a música, Ashton (2010) explica que, quando comparados, alguns caminhos adotados por terapeutas podem ser até contraditórios: enquanto um espera que a escolha musical emerge espontaneamente da psique do paciente, outro se utiliza de seu conhecimento intuitivo musical para realizar a escolha da música que acredita ser útil em uma determinada situação.

Em 1997, a analista junguiana Patricia Skar realizou um estudo no qual verificou na musicoterapia que o método *Guided Affective Imagery with Music* (GIM), desenvolvido por Helen Bonny – técnica que evoca imagens, sentimentos profundos e símbolos através da escuta de música num estado de relaxamento profundo –, é muito próximo à ideia de imaginação ativa de Jung. Skar (1997) acredita que um “potencial modelo de escuta de

música terapêutica no *setting* junguiano poderia ser chamado de “imaginação ativa através da música” (p. 397, tradução nossa).

A imaginação ativa é um método que encoraja o indivíduo ao contato com as imagens de fantasias, permitindo assim estabelecer um diálogo com o inconsciente e a vivência com seus símbolos (JUNG, 2011d).

Segundo Jacobi (1986), a capacidade da psique de formar símbolos, chamada função transcendente, é uma função complexa, operada pela psique por meio do mecanismo de autorregulação, que une os pares de opostos numa síntese e cria uma comunicação entre consciente e inconsciente. Observou-se que a música favorece a ativação da função transcendente ao mobilizar os conteúdos mais profundos da psique e trazê-los à consciência através da exploração do material psíquico levantado, oferecendo um terreno propício para a elaboração simbólica (SKAR, 1997; BUSH, 1999; KROEKER, 2013).

Em relação à tipologia junguiana, Hillman (1990) acredita ser importante desmistificar o clichê de que músicos, no geral, são do tipo sentimento. Talvez essa tendência a enfatizar a função sentimento na tipologia dos músicos provenha de uma crença que associa o intelectual (pensamento) ao verbal. A música instrumental não é verbal, porém, isso não significa que ela seja desprovida de atributos da função pensamento. A grande maioria das músicas são pautadas por regras métricas, por tempo, ritmo, escala etc. Neste sentido, qual seria a função que rege toda esta organização? Há um respeito a esses elementos quando da composição ou mesmo execução de uma música. No âmbito da execução musical, pode-se fazê-la de uma maneira mais improvisada, no “*feeling*” – como habitualmente é encontrada no blues e no jazz; planejada com atenção minuciosa às partituras e com rigor de vestimenta e postura adequadas – como numa orquestra sinfônica; e por que não com uma fusão de ambos, como se entre esses dois polos houvesse um *dégradé* de possibilidades de composição, de execução e de performance

musical, apenas para citar alguns exemplos. Examinando cuidadosamente este tema, pode-se afirmar que a música mobiliza as quatro funções psíquicas, pois em última análise, é uma forma de arte e esta pode se manifestar por meio de qualquer que seja a função, não havendo uma função de uso preferencial pela música.

Mario Jacoby (2010), analista junguiano e violinista profissional, corrobora a afirmação acima, destacando que, na música, as quatro funções psíquicas são utilizadas e necessárias nos mais diversos graus. É importante que a música, como uma ferramenta terapêutica, seja considerada como possibilidade para o trabalho com todos os tipos psicológicos, uma vez que as quatro funções entram em movimento quando da sua utilização.

Para Bush (1999), a música tem o potencial de servir como uma tela de projeção caso o indivíduo esteja receptivo a ela, permitindo que ela adentre o seu interior e reverbere uma série de respostas e imagens espontâneas.

Outro ponto em que a música pode desempenhar um papel importante no processo de análise são as defesas. As palavras empregadas podem ser utilizadas como defesa contra o acesso aos problemas-chave dentro de um processo psicoterapêutico. Avaliando esse possível obstáculo, uma das vantagens da utilização da música é que, como uma forma de expressão não verbal, ela tende a transpassar com maior facilidade os bloqueios ao mundo interior das emoções e sentimentos (KROEKER, 2013). Sendo assim, a música – assim como outras formas de arte – possibilita o rebaixamento das defesas egoicas, tornando possível o trabalho com um material mais espontâneo da psique.

Como alternativa ou combinação possível, pode-se também utilizar a música como um indutor para um estado de relaxamento, visando assim atingir um estado alterado de consciência ou mesmo reproduzi-la após feita a indução, a fim de facilitar o fluxo imagético. Em um estado alterado de consciência, o material inconsciente mais relevante e emocionalmente carregado

para o indivíduo é selecionado automaticamente, como se um radar interno buscasse tais conteúdos (GROF; BENNETT, 1992). Nesta dinâmica, os conteúdos mais significativos para o indivíduo são convidados a entrar no campo da consciência, favorecendo o trabalho terapêutico.

6. Considerações finais

Embora tenham sido realizadas algumas reflexões a respeito da relação entre música e psicologia analítica, é fato que ainda há muito que se investigar e explorar sobre este tema e seus resultados no ambiente psicoterapêutico. O desafio está no aprofundamento desta relação que ainda apresenta pouco material. Faz-se necessário enfatizar que a dimensão sonora se inscreve durante toda a vida do ser humano que, portanto, pode ser compreendida e significada por um viés simbólico-musical.

Torna-se evidente que há múltiplas possibilidades para a utilização da música no *setting* analítico, no qual, da díade tocar-escutar, ocorrem outros desdobramentos, como a composição, o improviso, o processo de escuta ativa ou receptiva, a possível discussão simbólica, entre outros. Conforme observado, a música é dotada de diversos potenciais: desde a facilitação para a indução de um estado de relaxamento até a evocação de imagens numa jornada interior para o trabalho com material inconsciente por meio de uma possível imaginação ativa através da música.

Como poética do indizível, a música pode ser símbolo e também facilitadora de um processo

de formação deste. Como a água, ela pode penetrar entre as defesas egoicas e as dissolver, favorecendo a evocação de imagens latentes da psique. A música se apresenta viável para o trabalho com todos os tipos psicológicos e, é possível que, através de futuras pesquisas, seja verificada a antiga ideia de que cada tipo de música possuiria uma tendência a evocar uma propriedade específica para cada caso, como impulsionar a função inferior de um determinado tipo, amenizar a ansiedade, propiciar expressão emocional, favorecer o contato com a sombra etc. Ainda, ela se faz disponível como uma linguagem complementar: uma oportunidade para transcender as limitações verbais. Seja utilizando um instrumento musical como ferramenta de expressão ou mesmo elaborando uma música já existente que o paciente atribua como significativa para a situação em que se encontra.

A música demonstra o potencial de um universo paralelo a ser examinado cautelosamente na dimensão da alma humana. Portanto, espera-se que as ideias aqui apresentadas sejam apenas sementes para que mais estudos acerca desta arte sejam realizados no campo junguiano. Psicoterapia, em seu sentido mais amplo, visa a mudança; musicalmente falando, em toda a mudança, inicia-se uma nova música que, por conseguinte, requer uma nova dança. ■

Recebido em: 30/01/2018

Revisão: 27/04/2018

Abstract

Music: a possible expansion of resources in the analytical setting

In a movement to recover the therapeutic value of music, this article seeks to expand the possibilities of resources to be worked in the jungian clinical setting. Through a literature review of analytical psychology, it was perceived a lack of material related to music as a therapeutic resource. From this point on, some reflections are presented on how music and the unconscious can be related from the perspective of analytical psychology. C. G. Jung's personal experience with music, the relationships between music and

active imagination, music and neurosciences, as well as some implications of the use of this art in the analytical setting are discussed in this paper. Inserting the music in the jungian clinic, it was propitious to: stimulate the transcendent function, favoring the evocation of images of the psyche; to lower egoic defenses; to complement the work as a non-verbal language and to induce relaxation, aiding the transition to an altered state of consciousness, thus enriching the therapeutic work with symbolic-musical material. ■

Keywords: music, analytical psychology, uncounscious, imagem, Jung.

Resumen

Música: una posible ampliación de recursos en el setting analítico

En un movimiento de rescate del valor terapéutico de la música, este artículo busca ampliar las posibilidades de recursos a ser trabajados en el setting clínico junguiano. A través de una revisión de literatura de la psicología analítica, se percibió una carencia de material relacionado a la música como un recurso terapéutico. A partir de este punto, se presentan algunas reflexiones de cómo la música y el inconsciente pueden relacionarse por la perspectiva de la psicología analítica. La experiencia personal de C. G. Jung con la música, las relaciones entre música e

imaginación activa, música y neurociencias, así como algunas implicaciones de la utilización de este arte en el setting analítico se discuten en este trabajo. Insertando la música en la clínica junguiana, la misma se presentó propicia a: estimular la función trascendente, favoreciendo la evocación de imágenes de la psique; rebajar las defensas egoístas; complementando el trabajo como un lenguaje no verbal y a inducir al relajamiento, ayudando al paso a un estado alterado de conciencia, enriqueciendo así el trabajo terapéutico con material simbólico-musical. ■

Palabras clave: música, psicología analítica, inconsciente, imagem, Jung.

Referências

- ALEIXO, M. A. R.; SANTOS, R. L.; DOURADO, M. C. N. Efficacy of music therapy in the neuropsychiatric symptoms of dementia: systematic review. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1, p. 52–61, jan./mar. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000150>.
- ASHTON, P. W. Music, mind, and psyche. In: ASHTON, P.; BLOCH, S. (Ed.). *Music and psyche: contemporary psychoanalytic explorations*. New Orleans: Spring, 2010. cap. 8, p. 121-42.
- BARCELLOS, G. Jung, junguianos e arte: uma breve apreciação. *Pro-Posições*, v. 15, n. 1, p. 27-38, jan./abr. 2004.
- BARCELLOS, G. *Psique e imagem: estudos de psicologia arquetípica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. v. 2.
- BUSH, C. A. *A música e a terapia das imagens: caminhos para o eu interior*. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultrix, 1999.
- FREUD, S. O Moisés de Michelangelo. In: FREUD, S. *Totem e tabu: contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 213-39. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 11).
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- GROF, S.; BENNETT, H. Z. *The Holotropic mind: the three levels of human consciousness and how they shape our lives*. San Francisco, CA: HarperSanFrancisco, 1992.
- HILLMAN, J. A função sentimento. In: VON FRANZ, M.-L.; HILLMAN, J. *A tipologia de Jung: ensaios sobre a psicologia analítica*. São Paulo: Cultrix, 1990, p. 107-216.
- HILLMAN, J. *Re-vento a psicologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- JACOBI, J. S. *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- JACOBY, M. An e-mail interview with Mario. In: ASHTON, P.; BLOCH, S., eds. *Music and psyche: contemporary psychoanalytic explorations*. New Orleans: Spring, 2010. cap. 4, p. 67-76.
- JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. (Obras completas de C. G. Jung, v. 6).
- JUNG, C. G. *Cartas de C. G. Jung: 1946-1955*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. v. 2.
- JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a. (Obras completas de C. G. Jung, v. 8/2).
- JUNG, C. G. *Estudos alquímicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b. (Obras completas de C. G. Jung, v. 13).
- JUNG, C. G. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011c. (Obras completas de C. G. Jung, v. 15).
- JUNG, C. G. *Mysterium Coniunctionis: Rex e Regina: Adão e Eva: A conjunção*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011d. (Obras completas de C. G. Jung, v. 14/2).
- JUNG, E. *Animus e anima*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- KRAEMER D. J. M.; MACRAE C. N.; GREEN A. E.; KELLEY W. M. Musical imagery: sound of silence activates auditory cortex. *Nature*, v. 434, n. 7030, p. 158, 2005. doi: <https://doi.org/10.1038/434158a>.
- KROEKER, J. Archetypal music psychotherapy: bridging the gap between counselling and the creative expressive arts. *Insights into Clinical Counselling*. p. 12-14, Dec. 2013.
- LEÃO, E. R.; SILVA, M. J. P. Música e dor crônica músculo-esquelética: o potencial evocativo de imagens mentais. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 12, n. 2, p. 235–241, abr. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692004000200013>.
- MATTA, R. M. A utilização da terapia do sandplay no tratamento de crianças com transtorno obsessivo-compulsivo. *Boletim de Psicologia*, v. 57, n. 127, p. 153-64, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432007000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 31 ago. 2017.
- SACKS, O. *Musophilia: tales of the music and the brain*. New York, NY: Alfred A. Knopf, 2007.
- SAKAMOTO, M.; ANDO, H.; TSUTOU, A. Comparing the effects of different individualized music interventions for elderly individuals with severe dementia. *International Psychogeriatrics*, v. 25, n. 5, p. 775-84, 2013. <https://doi.org/10.1017/S1041610212002256>.
- SKAR, P. Music and analysis: contrapuntal reflections. In: MATTOON, M. A. (Ed.). *Zurich 95: open questions in analytical psychology*. Einsiedeln: Daimon Verlag, 1997. p. 389-403.
- TILLY, M. The Therapy of Music. In: MCGUIRE, W.; HULL, R. F. C. (Ed.). *C. G. Jung Speaking*. Princeton: Princeton University Press, 1977, p. 273-5.
- VON BARANOW, A. L. *Musicoterapia: uma visão geral*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

Reflexões sobre a prática da supervisão na formação profissional: uma perspectiva junguiana

Elizabeth Christina Cotta Mello*
Maddi Damião Jr.**

Resumo

Este ensaio pretende apresentar uma reflexão inicial a propósito da prática da supervisão, seu papel na formação profissional e da especificidade que possui na formação clínica, a partir do horizonte da teoria junguiana. A supervisão é uma das atividades básicas de integração entre teoria e prática. Entendemos que a supervisão seja fundamental para a formação de uma analista junguiano e precisamos refletir sobre suas especificidades, pois ela insere um dado que é eminentemente qualitativo na formação e no ensino da psicologia junguiana, seja pela singularidade da compreensão e da síntese produzida pelo supervisionando, seja pela referência a um terceiro, à relação terapêutica ou ao campo de atuação que se encontram presentes no processo de ensino-aprendizagem na forma de relato. Por outro lado, há questões que são levantadas quanto à prática do supervisor, como os critérios de avaliação do supervisionando e a eficácia do processo de supervisão. ■



Palavras-chave
Supervisão,
Formação
profissional,
Psicologia
analítica,
Psicologia
clínica.

* Psicóloga, Arte-Educadora e Arteterapeuta. Pós-doutora em Ciências – CBPF - MCT, Doutora em Psicologia - UFRJ, Membro analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – RJ.
Email: <elcotta@hotmail.com>

** Doutor em psicologia – UFRJ, Professor adjunto da Universidade Federal Fluminense, Psicólogo; Pós-doutor em Psicologia Médica – Unicamp, Membro analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – RJ.
Email: <maddidamian@gmail.com>

Reflexões sobre a prática da supervisão na formação profissional: uma perspectiva junguiana

Este trabalho pretende ser uma reflexão inicial sobre a supervisão na perspectiva da teoria junguiana, sua importância e as características singulares que surgem diante da transmissão do conhecimento de uma prática que se dá a partir da interação interpessoal. Constitui-se, assim, como uma tentativa de pensar e dialogar a partir da experiência de supervisor, seja como analistas da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, seja como professores no ensino de graduação. Entendemos a supervisão como um dos elementos fundamentais para a formação do futuro profissional, seja pela obrigatoriedade do estágio para a obtenção do título de psicólogo, por exemplo, ou do futuro clínico, a supervisão não se restringe a uma área de atuação apenas, mas é a modalidade de ensino-aprendizagem vivencial e teórica que se apoia no trabalho a partir de problemas postos pela formação do psicólogo. Na prática clínica, se situa como fundamento para a atividade de integração da teoria e prática, seja em instituições em geral, na prática privada, como na saúde mental etc. Porém a nossa perspectiva será orientada pela teoria junguiana, dado que somos analistas formados por instituição reconhecida internacionalmente de formação e professores de prática clínica, tanto em cursos de graduação quanto pós-graduação. Atualmente estamos na Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica do Rio de Janeiro (SBPA-RJ) bastante envolvidos com a supervisão de grupos da clínica de atendimento, bem como da formação, e temos, então, nos ocupado e “pre-ocupado” com esse tema.

O diálogo que se inicia visa a troca de experiência e estabelecer um processo de reflexão e posterior discussão, para não permanecer em um solilóquio ou monólogo em que apenas se olhe para a prática da supervisão a partir de um referencial “solipsista”. Como sabemos, esse é um risco constante do trabalho de um clínico em

seus consultórios, em especial para quem não participa de instituições de formação e/ou de ensino como a SBPA e as universidades. Assim, é importante submetermos o nosso trabalho a uma avaliação e uma transformação contínuas, pois acreditamos serem necessárias como formas de aprendizagem e atualização da atividade de supervisão. Essa exposição da supervisão muitas vezes somente encontra eco nos supervisionandos. Faz-se, para nós, necessária a abertura de um espaço onde todos possamos trocar experiências e integrá-las, contextualizar a prática e sermos confrontados pelo olhar do outro, tema tão caro para a psicologia junguiana, e torná-la mais humana, mais próxima da experiência.

Como entendemos em uma perspectiva fenomenológica¹, a situação clínica requer tanto investigação científica e estudo teórico, e não deve ser uma atividade desordenada e sem propósito, precisamos ter ciência dos nossos atos, assim como possuir instrumentos adequados de atuação, tanto epistemológicos, quanto técnicos. Por outro lado, se fundamenta na própria experiência: faz-se necessário integrar a ciência com a habilidade, ou seja, a sensibilidade e a experiência que, ao mesmo tempo em que são frutos do tempo, são, também, atributos indissociáveis da personalidade do terapeuta. A habilidade não é competência técnica, mas existencial, ou seja, disponibilidade interna e contato com sua própria intimidade que é demandado ao terapeuta.

Ao discutir as questões da prática da supervisão, deve-se levar em consideração estes dois fatores, a supervisão como mecanismo de instrução, transmissão de um saber técnico e metodológico (baseado nos fundamentos da psicologia junguiana, no caso), e como formação, isto é, um espaço para que o futuro terapeuta entre em con-

¹ Ver Jaspers (1985), ao se referir à prática da psicopatologia clínica fenomenológica.

tato consigo mesmo, com suas dificuldades, confrontos, expectativas, limitações, singularidades etc. A partir deste momento, a supervisão será o espaço de “cuidar do ato de cuidar”, se aproximando, poder-se-ia dizer, de uma “terapia” da prática terapêutica. Esta teria como objetivo primeiro fazer com que o futuro terapeuta aprenda a se ver no ato de cuidar, a se sentir confortável no lugar que ocupa, a estar atento a si e ao cliente, mas, principalmente, a estar aberto, atento e receptivo para o que se manifesta. Desta forma, ele adquirirá a confiança necessária para aceitar o outro e a si mesmo, aceitar as suas dificuldades e saber também calar diante do desconhecido que se posta diante de si. Estamos falando de um espaço maiêutico, em uma perspectiva socrática, que traz à luz o que está em potência, mas ainda não é uma consciência mais ampla, já que essa se completa com a ação e trabalho emocional e com as necessárias transformações pessoais. Estamos diante de etapas ou dinâmismos da clínica, como Jung aborda em “Prática de Psicoterapia” (1981) ou também em Von Franz em “Psicoterapia” (1999) com os quatro modelos da relação terapêutica e transferência, ou dessa complexidade de olhares como descreve Jung em “Tipos Psicológicos” (2017a). No livro “Ab-reação, análise dos sonhos e transferência”, Jung (1987) retoma a ideia da necessidade de lidarmos com os aspectos intelectuais, emocionais de nossa complexa atividade e sua arte. O tratamento, em um momento de “morte simbólica” e desorientação da entrada no inconsciente, por exemplo,

só é possível através de uma abordagem por seu a vez plástica e simbólica, oriunda da vivência de conteúdos inconscientes. Não deve, portanto, penetrar demais no campo da abstração intelectual; por motivos práticos, convém que permaneça no âmbito do mitologema tradicional que já provou sua natureza abrangente”. [Como uma] inundação no Nilo que aumenta a fertilidade do solo (JUNG, 1987, p. 135, parágrafos 478–479).

Pode-se fazer referência, aqui, a outro aspecto a ser vivenciado na supervisão como espaço de formação, outro ponto que faz parte do que se espera de uma terapia junguiana, a atenção minuciosa sobre o próprio terapeuta, o que pode ser entendido como uma síntese de tudo que será exposto: a aceitação e integração das feridas do próprio terapeuta. É uma imagem bastante familiar dos junguianos a divindade grega Quiron, entidade meio cavalo meio humana, divindade **teriomórfica**, representada pelo Centauro. Quiron, na Grécia Antiga, símbolo da divindade tutelar da medicina, assim como Asclépios, personagem humano, era o deus da cura, que aprendera as artes de curar devido à ferida incurável da qual padecia. Na tentativa de se curar aprendeu sobre todos os métodos e terapêuticas utilizadas pela medicina, tanto profana quanto sagrada, com isto, começaram os humanos a se aproximarem dele e a solicitarem o seu auxílio, o qual foi dado. Com estes poucos elementos, vislumbramos uma condição necessária a todos os terapeutas, qual seja, aceitar suas feridas, reconhecê-las e não as ocultar de si próprios. É o tema sobre as características e buscas do que é o ser um terapeuta ou analista que aqui é colocado, e é um tema para trabalhos futuros. A supervisão surge como um espaço de formação que deveria proporcionar este contato com as feridas dos supervisionandos, sem com que isto faça que ela se torne uma terapia de grupo ou individual. E, nesse momento, se constitui uma ponte para poder conscientizar a relevância para um terapeuta entrar em contato consigo próprio de forma mais profunda, através da terapia: lembremos que muitos estudantes em nossa área de atendimento clínico não a fazem e não há uma regra nas graduações de futuros terapeutas que, muitas vezes, não tem a clareza sobre essa necessidade. Sabemos que terapia envolve várias etapas, e poderíamos dizer estilos, e o livro “Prática de psicoterapia” (JUNG, 1981), e os neo-junguianos também nos apontam sempre. O conceito que utilizamos neste artigo é o do próprio Jung (1981). A terapia propriamente junguiana é observada em uma carta de Jung, “O interesse principal de meu trabalho”. Escreve ele:

não está relacionado com o tratamento das neuroses e, sim, com a abordagem do numinoso. Mas o fato é que a abordagem do numinoso é a verdadeira terapia e, na medida em que alcançamos as experiências numinosas, somos libertados da maldição da patologia. A análise junguiana. Se não for possível estabelecer um relacionamento com o numinoso, nenhuma cura é possível. O máximo que podemos esperar é uma melhora no ajustamento social (JUNG², 1945, *apud* VON FRANZ, 1999, p. 199).

Dentro dessa perspectiva, acreditamos que, para os terapeutas, não podemos pensar em uma adaptação ou ajustamento, ou ainda que o objetivo seja se livrarem dos aspectos mais neuróticos, mesmo que isso seja uma opção da prática psicoterápica em geral. Estes necessitam encontrar o seu caminho, sua forma de atendimento e ocupar-se de seu processo para atendimento de outras pessoas.

Vislumbramos dois riscos iniciais aos quais todo supervisor se encontra submetido, identificados neste momento como a cristalização de um modelo, a fixação em um método único de olhar para as situações clínicas, assim como a cristalização em aspectos teóricos não questionados, isto acarretaria problemas para o ensino devido à perda da flexibilidade e à rigidez da escuta que não disponibilizaria espaço para o aluno se fazer ouvido em sua singularidade, assim como para experimentar lidar com a teoria como uma ferramenta de forma criativa e lúdica. Outro risco seria, diante da posição de autoridade exercida pelo supervisor, das fantasias que se encontram mobilizadas na relação entre supervisionando e supervisor, produzir-se uma situação que, apesar de inevitável, pode tornar-se prejudicial para o processo de ensino-aprendizagem, qual seja, a passividade diante da figura de autoridade e a submissão ao fascí-

nio pelo poder do supervisor. Isto acarreta uma série de problemas que veremos, mais adiante. Diante desta atitude, espera-se que o supervisor mostre os caminhos a serem seguidos assim como o manejo da situação com a qual se lida. Por outro lado, esta passividade induz no supervisor a um excesso de compreensão, qual seja, a atitude compensatória de colocar-se, de fato, no lugar de orientador, e o conhecimento do que se passa com a situação clínica. O excesso de compreensão surge como forma compensatória ao receio do supervisor sair do lugar que ocupa como autoridade e detentor do saber, lugar este que muitas vezes é colocado pelos supervisionandos ou pela própria situação institucional que ocupa.

Vale lembrar que, mesmo que o supervisionando faça críticas e objeções ao trabalho do supervisor, muitas vezes é implícita ou indireta, isto devido à relação de poder que muitas vezes se estabelece nas instituições, refletindo como um mecanismo de controle sobre o futuro terapeuta. Este pode não conseguir sair dessa posição hierarquizada, seja devido à postura do supervisor ou à característica da atitude do próprio supervisionando. Poderíamos justificar esta atitude como uma dinâmica constelada necessariamente a partir da relação *Puer* e *Senex*, na qual o supervisor se colocaria na posição de “velho sábio” dificultando ou impedindo qualquer crítica ao seu trabalho, isto em função da dinâmica constelada. Assim, nem sempre irá ter coragem, ou interesse, em se expor ou se colocar em condições diante do supervisor para poder avaliar sua situação com clareza. Atitude tanto mais intensificada quanto o supervisor não levar em consideração a relatividade de sua posição, ou seja, a possibilidade de se questionar sobre a possibilidade de se fazer algo que seja nomeado como “supervisão”.

Como os seus pares, a situação é distinta, pois, como não há, necessariamente, uma relação hierarquizada, a possibilidade de ser confrontado e questionado em sua prática e posicionamento se torna mais corrente. Evita-se discutir

² JUNG, C. G. Carta a P. W. Martin, 20 de agosto de 1945.

a prática da supervisão entre os colegas, muitas vezes, nesse lugar complexo, múltiplo e delicado, alegando-se “idiosincrasias” necessárias à arte, então torna-se impossível discutir sobre a supervisão a partir de uma perspectiva externa a do próprio supervisor.

A mobilização das “transferências” e “contra-transferências” são distintas, no caso do supervisor-supervisionando ou supervisor-supervisor. Porém, para poder identificarmos a nossa sombra com clareza, é necessário estar no mesmo nível de diálogo que nosso interlocutor, ou estar disponível, por exemplo, ouvirmos as queixas de nossos estagiários ou supervisionandos em geral. O diálogo com os pares é movido pela necessidade de se tocar continuamente na sombra do supervisor em seus diversos modos de manifestação, integrando o novo na experiência da supervisão.

Sombra aqui é entendida como limites e dificuldades, cristalização no poder, parcialidade e dificuldade de aceitação do outro, mas, também, como possibilidade e criatividade.

Através de sua integração, a transformação e a integração do outro vão se tornando possíveis, isto quer dizer que precisamos sair do lugar que ocupamos continuamente em nossa prática, para poder sermos questionados sobre nossa competência, expor nossos “casos” aos olhares dos outros para que nos deparemos conosco e com nossos limites, assim como descobramos novas possibilidades até então ocultas aos nossos olhares.

Como sabemos, muito pouco se escreve e se discute a respeito deste assunto. Na literatura junguiana há apenas um livro sobre a prática da supervisão (KUGLER, 1995), coletânea de artigos da *Journal of Analytical Psychology*. Porém, todos concordam que seja necessário para a formação do futuro analista, seja durante o curso de graduação, seja nas especializações realizadas por ele futuramente.

Jung sempre ressaltou a importância do “controle de caso” ou da “análise didática” (FORDHAM³, ano *apud* KUGLER, 1995), orientando

que o terapeuta iniciante deveria levar seu trabalho para algum colega mais experiente e discutir sobre os aspectos de sua atuação, assim como o processo de cliente.

Muito mais forte do que suas frágeis palavras é a coisa que você é. O paciente é impregnado pelo que você é – pelo seu ser real – e presta pouca atenção ao que você diz. O analista tem problemas não resolvidos porque está vivo – a vida é um problema diário. Se assim não fosse, ele estaria morto. No mais breve prazo, cada um comete seus tropeços. Se você aceita o seu erro da maneira certa, essa é a maneira como a análise se desenvolve. O analista deve conhecer seus complexos, visto que eles serão abordados durante o trabalho com o paciente. Quando sonho com um paciente, isso é usualmente um sinal de que um dos meus complexos foi atingido (MCGUIRE; HULL, 1982, 322–323).

Essa fala de Jung surge em decorrência de dois fatores. Primeiro por considerar que a análise envolve duas pessoas em sua totalidade. Toda intervenção, interpretação, ou mesmo o estabelecimento de vínculo terapêutico se encontram influenciados pela dinâmica psíquica do terapeuta, assim como o terapeuta sofrerá “interferência” de seu cliente, em menor ou maior grau. Segundo, com o objetivo de evitar excessos, isto é, a fim de preservar a singularidade, ou o mistério, que é cada indivíduo, que muitas vezes é esquecida em função do analista na teoria, seu aprisionamento em algum modelo adquirido, seja por insegurança ou rigidez e, também, pela necessidade de “acertar”, seja de fazer o “melhor possível”, outras vezes por uma necessidade de afirmação de seu trabalho e de si próprio diante do olhar de outros, seus colegas e o próprio supervisor, corre-se o risco de tentar a todo custo seguir um modelo ou tentar controlar todas as situações para que não haja “erros”. Isto é muito comum, principalmente em

³ FORDHAM, M. New development in analytical psychology. London: Routledge & Kegan Paul, 1957 p. 41-50.

terapeutas iniciantes que veem como critério de “falha” a perda do cliente, devendo, assim, a todo custo, preservar o cliente e, por outro lado, se sentindo extremamente “magoado” ou frustrado, quando do “abandono” do cliente da terapia. Um dos motivos mais comuns é considerar tal acontecimento como um “fracasso” pessoal, em função das muitas expectativas diante da aprendizagem e da prática que se inicia.

Podemos sintetizar o que foi aqui apresentado e considerar que a supervisão envolve uma série de questões, desafios e algumas dificuldades inerentes ao complexo trabalho, tornando-se, assim, importante sua problematização. Jung (2017b), em “Desenvolvimento da personalidade”, aponta que o professor e o terapeuta precisariam desenvolver a personalidade e, dessa forma, estamos diante desse grande desafio

duplo diante de uma supervisão, como terapeuta e como supervisor. Inferimos, segundo o exposto, que, acima de tudo, duas qualidades devem estar presentes: a capacidade de relação com o outro, eros, ou o afeto catalizador (SILVEIRA, 2015), assim como a capacidade do analista ou terapeuta em ser afetado, ou confrontado, continuamente pelo outro. O ensino e aprendizagem destas condições permitirão que o processo de formação se dê numa via de mão dupla, na qual supervisor e supervisionando aprendam continuamente com o outro e com o grupo, em um processo dialógico e dialético em direção à autonomia e capacidade de responder às demandas do inconsciente em seu contínuo fluxo criativo. ■

Recebido em: 25/02/2018

Revisão: 17/05/2018

Abstract

Reflections on the practice of supervision in vocational training: a junguian perspective

This essay intends to present an initial reflection on the practice of supervision, its role in the professional training and its specificity in the clinical training, from the standpoint of the Jungian theory. Supervision is one of the basic activities of integration between theory and practice. We understand that supervision is fundamental to the formation of a Jungian analyst and we need to reflect on its specificities because it inserts data that is eminently qualitative in the formation and teach-

ing of Jungian psychology, either because of the singularity of the comprehension and synthesis produced by the supervised person, or because of the reference to a third party, the therapeutic relationship or field of action, which are present in the teaching-learning process in the form of story. On the other hand, some issues are raised regarding the practice of the supervisor, including the evaluation criteria of the supervised person and the effectiveness of the supervision process. ■

Keywords: supervision, professional training, analytical psychology, clinical psychology

Resumen

Reflexiones sobre la práctica de la supervisión en la formación profesional: una perspectiva junguiana

Este ensayo pretende presentar una reflexión inicial a propósito de la práctica de la supervisión, su papel en la formación profesional y especificidad que posee en la formación clínica, a partir del horizonte de la teoría Junguiana. La supervisión es una de las actividades básicas de integración entre teoría y práctica. Entendemos que la supervisión es fundamental para la formación de una analista Junguiano y necesitamos reflexionar sobre sus especificidades, pues inserta un dato que es eminentemente cualitati-

vo en la formación y en la enseñanza de la psicología Junguiana, sea por la singularidad de la comprensión y de la síntesis producida por la supervisión, sea por la referencia a un tercero, la relación terapéutica o el campo de actuación, que se encuentran presentes en el proceso de enseñanza-aprendizaje en la forma de relato. Por otro lado hay cuestiones que se plantean en cuanto a la práctica del supervisor, una de ellas, los criterios de evaluación del supervisor y la eficacia del proceso de supervisión. ■

Palabras clave: supervisión, formación profesional, psicología analítica, psicología clínica

Referências

- JASPERS, K. *Psicopatologia geral: compreensiva, explicativa e fenomenológica*. São Paulo: Atheneu, 1985. 2 v.
- JUNG, C. G. *Desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- JUNG, C. G. *Prática de psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- JUNG, C. G. *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. Petrópolis: Vozes, 1987. (Obras completas, v. 16/2).
- JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 2017a.
- KUGLER, P. (Ed.). *Jungian perspectives on clinical supervision*. Einsiedeln: Daimon, 1995.
- MCGUIRRE, W.; HULL, R. F. C. (Coord.). *C. G. Jung: entrevistas e encontros*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- VON FRANZ, M.-L. *Psicoterapia*. São Paulo: Paulus, 1999.

A relação professor-aluno o arquétipo *puer-senex*

Vivian de Freitas Bandeira*
Ivelise Fortim**

Resumo

Este artigo objetivou realizar uma revisão de literatura junguiana sobre a relação professor-aluno e as suas interfaces com o arquétipo *puer-senex*. O estudo se faz relevante na medida em que a qualidade da relação professor-aluno interfere no processo de ensino-aprendizagem. Percebe-se uma modificação na figura do professor como central, assim como na do aluno, para a ênfase na relação que ocorre entre ambos no processo educacional. Observou-se que, quando ocorre uma polarização

do arquétipo em que o *senex* está associado ao mestre-instruído e o *puer* ao aprendiz-ignorante, existe uma cisão do arquétipo implicando em um professor que cessou o aprender e está livre de imperfeições e um aluno que depende totalmente do mestre para obter conhecimento. Por fim, sugere-se um aumento no número de estudos neste campo, tendo em vista que as pesquisas que estabelecem uma interlocução entre a psicologia analítica e a educação são escassas, e quando existentes, são pouco sistematizadas e consistentes. ■

Palavras-chave
Relação
professor-aluno,
Mestre-aprendiz,
Puer-senex,
Educação.



* Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Mestranda em Psicologia Clínica: Núcleo de Estudos Junguianos e Capacitanda em Transtornos Alimentares pela Unifesp.
E-mail: <vifbandeira@gmail.com>

** Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e Doutora em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos Junguianos. É professora nos cursos de graduação em Psicologia e de Tecnologia em Jogos Digitais da PUC-SP. É especialista em abordagem junguiana pela Cogeae da PUC-SP. Coordenadora do Janus (Laboratório de Estudos de Psicologia e Novas Tecnologias).
E-mail: <ifcampos@pucsp.br>

A relação professor-aluno o arquétipo *puer-senex*

1. Introdução

A relação professor-aluno foi historicamente marcada pela ocupação, por parte do professor, da posição de saber total, enquanto o aluno atuava como seu dependente, no lugar de não saber total. Os modelos de educação mais modernos, entretanto, procuram modificar esse formato tradicional de educação em que professor transfere conhecimento, para um modelo dialético de educação, em que o professor desempenharia um papel de facilitador do processo de aprendizagem do aluno, estimulando sua ânsia pelo conhecimento. O objetivo deste artigo é realizar uma revisão de literatura junguiana sobre a relação professor-aluno e suas interfaces com o arquétipo *puer-senex*.

O estudo se faz relevante na medida em que a qualidade da relação professor-aluno interfere no processo de ensino-aprendizagem. Como aponta Byington (1996), este processo não se centraliza nem no professor, nem no aluno, mas na sua relação, que é primordial e absoluta no processo educacional. Sendo assim, a forma como esta relação se estabelece influencia significativamente tanto a experiência do aluno, quanto do professor.

Muito embora o estudo acerca da relação professor-aluno se mostre pertinente, referências sistematizadas são escassas, especialmente na perspectiva junguiana. Jung escreveu pouco sobre o tema, sendo “O Desenvolvimento da Personalidade” (1981) e “Tipos Psicológico” (2013a) os livros em que mais tratou do assunto.

No primeiro livro, o autor discute a educação em sua relação com o psiquismo infantil, como uma forma de auxiliar a criança no processo de formação da consciência. O professor é visto como substituto dos pais e a escola seria o primeiro ambiente fora do contexto familiar. Ademais, Jung (1981) examina a importância de o professor investir primeiramente na educação de sua própria personalidade, a qual irá refletir na educação psíquica da personalidade do aluno.

Em “Tipos Psicológicos”, Jung (2013a) traça um paralelo entre as atitudes extrovertida e introvertida, com os tipos clássico e romântico de Ostwald, respectivamente.

Na teoria junguiana clássica, a tipologia consiste em duas atitudes básicas e quatro funções da consciência. As atitudes estão relacionadas a como o sujeito observa e concebe os fatos. O indivíduo com atitude introvertida se volta para o sujeito; enquanto que o indivíduo com atitude extrovertida se volta para o objeto externo. Em relação às quatro funções da consciência, temos: sensação, intuição, pensamento e sentimento (JUNG, 2013a).

Para Ostwald, a atitude extrovertida-clássica pode favorecer o exercício da docência, quando comparada à atitude introvertida-romântica. Embora Jung (2013a) ressalte as importantes contribuições de Ostwald à psicologia dos tipos, entende que o professor introvertido-clássico é compreendido de uma maneira reducionista. Como aponta Byington (1996), a atitude introvertida e as funções sentimento e intuição foram preteridas com a hegemonia da pedagogia racional, a qual privilegiou a atitude extrovertida e as funções pensamento e sensação.

Podemos considerar que não há um tipo psicológico ideal para a prática do ensino, mas sim a necessidade de um conhecimento, por parte do professor, da tipologia do aluno e de sua própria tipologia (LESSA, 2003; ANDRADE, 2011; ANJOS, 2013). Nesse sentido, Byington (1996) atribui ao professor a responsabilidade de desenvolver sua própria criatividade para apresentar aos seus alunos o conteúdo da melhor forma, sem priorizar o racional em detrimento do vivencial.

Certamente seria de desejar que os professores tivessem conhecimento desses métodos; mas esse conhecimento seria desejável não no sentido de ser aplicado na educação das crianças, mas no de ser

aproveitado para a própria educação do professor. A educação do próprio professor, porém, reverterá indiretamente em benefício das crianças (JUNG, 1981, p. 61).

Em estudos mais atuais sobre o tema, o pós-junguiano Guggenbühl-Craig (2008) entende que o professor-mestre necessita que o aluno-aprendiz seja constelado, ou seja, ativado, dentro de si. Isto porque, segundo Jung (2014), a velhice e a juventude estão contidas uma na outra.

Para Araújo (2013), quando o professor-mestre não constela seu aluno-aprendiz dentro de si, ele não aprende com suas próprias restrições, o que gera um mestre que deixou de se renovar. Ele permanecerá estagnado, dogmático, rígido e inalcançável, em uma posição que impossibilita o intercâmbio de novos saberes.

Isto o afasta do potencial de aprendizado que pode adquirir com o aluno, que também possui saberes que lhe são próprios. É somente a partir desta dialética que, segundo Araújo (2013), viabilizam-se a assimilação e a descoberta daquilo que é novo por parte do mestre e a possibilidade de o aprendiz iluminar as vias desconhecidas pelo mestre.

Aprender e ensinar são experiências arquetípicas, que podem se dar por meio das polaridades *puer-senex*, as quais contêm dinamismos antagônicos associados à figura do jovem e velho, respectivamente; embora não devam estar relacionados às idades literais (MONTEIRO, 2008a). Isto porque velho e jovem podem apresentar-se um na forma do outro, já que, enquanto no plano da consciência um é constelado, seu par de oposto é ativado no plano inconsciente (JUNG, 2014).

O arquétipo *puer-senex*, por ter caráter dual em que *puer* está associado ao aprendiz e *senex* ao mestre, possui um movimento de opostos. Suas polaridades ordenam a vida, já que cada posição contém em si o gérmen de seu oposto, em uma tese e antítese hegeliana, que busca síntese (YOUNG-EISENDRATH; DAWSON, 2002).

Guggenbühl-Craig (2008) afirma que em alguns regimes educacionais, especialmente aqueles em que há uma polarização do arqué-

tipo – mestre-instruído e aprendiz-ignorante –, existe uma cisão do arquétipo, ou seja, há uma fragmentação entre *puer* e *senex*, implicando em um professor que parou de aprender e está livre de imperfeições e um aluno que depende totalmente do mestre para obter conhecimento.

2. A relação professor-aluno: uma perspectiva junguiana

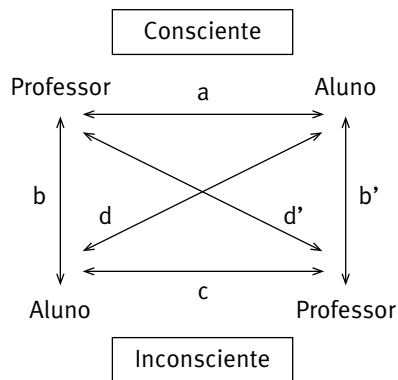
Tendo em vista o paradigma junguiano de que toda relação humana é marcada por elementos conscientes e inconscientes, e compreendendo a relação professor-aluno como uma forma particular de relacionamento humano, esta também é composta por aspectos inconscientes, muito embora a maioria dos estudos observe apenas o nível consciente de interações (ARAÚJO, 2013).

Saiani (2003), a partir do modelo da imagem alquímica proposta por Jung, em que este descreve o relacionamento do alquimista com sua soror, propõe uma adaptação do campo transferencial para a relação professor-aluno, a qual pode ser compreendida por meio do arquétipo mestre-aprendiz. O aluno-aprendiz está associado no plano da consciência à polaridade *puer*, enquanto que o professor-mestre está associado no plano da consciência à polaridade *senex*. Estas duas polaridades constituem o arquétipo *puer-senex*.

Ao analisarmos na Figura o campo transferencial, podemos verificar que a seta “a” diz respeito à condição fundante e primária para a relação pedagógica, ou seja, a presença de um professor e um aluno. Quando esta é inexistente, constatamos a ausência do aluno ou do professor (SAIANI, 2003).

Quando ocorre a relação indicada na seta “a” no nível da consciência, é constelado seu oposto complementar no nível inconsciente, ou seja, o professor tem no plano inconsciente o aluno constelado, seta “b”, e o aluno tem no plano inconsciente seu professor constelado, seta “b” (SAIANI, 2003).

Caso a relação assinalada nas setas “b” e “b” não ocorra, o arquétipo do *puer-senex* é cin-



- (a) Uma relação entre persona do professor e o aluno.
 (b) Uma relação do professor com seu aluno interior.
 (b') Uma relação do aluno com seu professor interior.
 (c) Uma relação do aluno do professor com o professor do aluno.
 (d) Uma relação do professor com o professor do aluno.
 (d') Uma relação do aluno com o aluno do professor.

Fonte: SAIANI, 2003, p. 114.

Figura – Campo transferencial do professor-aluno.

dido. Para Guggenbühl-Craig (2008), o professor cindido de seu aluno interior considera-se detentor de todo e único saber, enquanto que o aluno dissociado do seu professor interior recusa-se a aprender, permanecendo imaturo e dependente.

É imprescindível que todas as relações no campo transferência indicadas ocorram, a fim de que haja integração de ambos os polos, desta forma, o professor terá abertura para aprender e o aluno terá possibilidade de demonstrar seus saberes e independência. Quando há um acentuado afastamento entre os polos *puer* e *senex*, a manifestação destes se dá com ênfase no aspecto negativo, pois ocorre uma cristalização das polaridades e a via de comunicação com o seu par de oposto está obstruída.

Traçando um paralelo entre os objetivos propostos pela psicoterapia e o vínculo transferencial estabelecido entre terapeuta e paciente, descrito por Jung (2013b) e Penna (2005), com a educação e a relação professor-aluno, podemos dizer que a educação visa a transformação da personalidade total, isto é, em seus aspectos conscientes e inconscientes, sendo a relação transferencial professor-aluno fator decisivo para que tal transformação ocorra.

Ao desenvolver a Pedagogia Simbólica, Byington (1996) aborda o vínculo transferencial da relação professor-aluno, o qual é evocado pelo *Self* pedagógico. O autor caracteriza sua pedagogia como sendo do *Self*, pois esta abrange a personalidade como um todo.

Além de estar alicerçada no desenvolvimento total da personalidade, esta pedagogia também se baseia no modelo vivencial de aprendizagem. Este compreende o saber iniciático, isto é, relativo aos rituais de iniciação, nos quais o sujeito apropria-se do conhecimento via experiência. Esta perspectiva contrapõe-se à pedagogia puramente racional.

Por meio da vivência e do vínculo transferencial amoroso da relação professor-aluno, ocorre uma transformação da consciência durante o processo de ensino-aprendizagem, em que *puer-senex*, novo-velho, aluno-professor, objetivo-subjetivo e consciente-inconsciente se articulam, resultando em novos estados de consciência (BYINGTON, 1996).

É importante destacar que existem dois tipos de transferência pedagógica que podem ser estabelecidas entre professor e aluno: a criativa e a defensiva. A transferência criativa incentiva o ensino e aprendizado, estando associada a sentimentos agradáveis e de bem-estar. Já a transferência defensiva desperta raiva, desprazer e brigas na relação professor-aluno, bloqueando ou limitando o processo de ensino-aprendizagem (GALIÁS, 1989).

Por se tratar de uma pedagogia do desenvolvimento total da personalidade, o professor, segundo Caviglia (2005) e Anjos (2013), tem grande influência no processo de individuação do sujeito, em consonância com Byington (1996), que compreende o processo educacional dentro da individuação do aluno e do professor. Entende-se por individuação o processo de desenvolvimento total da personalidade, em que o indivíduo se torna si-mesmo (JUNG, 1981). É um processo de desenvolvimento da personalidade coordenado pelo *Self* (Si-Mesmo) e que ocorre por meio do mecanismo de compensação. Este tem como meta que o indivíduo se torne uma pessoa integrada, única e indivisa (STEIN, 2000).

Por fim, podemos dizer que Freitas (1990) e Byington (1996) concebem o campo da ciência da educação como algo que não se restringe a transferir e adquirir conhecimento, mas que ultrapassa o ensino tradicional, pois objetiva a integração de conteúdos na personalidade e seu desenvolvimento arquetípico total, o que é viabilizado pela interação do arquétipo *puer-senex*. “Não consiste apenas em meter na cabeça das crianças certa quantidade de ensinamentos, mas também em influir sobre as crianças, em favor de sua personalidade total” (JUNG, 1981, p. 59).

3. O arquétipo *puer-senex* e sua relação com o mestre-aprendiz

A relação professor-aluno pode ser compreendida do ponto de vista da psicologia analítica como a relação mestre-aprendiz, em que o mestre estaria no plano da consciência associado ao arquétipo do *senex* e o aprendiz no plano da consciência associado ao *puer*.

Ambos constituem duas faces de um mesmo arquétipo, *puer-senex*. A fim de melhor compreender a constituição e característica de cada faceta do arquétipo, realizaremos uma leitura acerca do *puer* e *senex*. Para tanto, é importante ressaltar que este, como qualquer outro arquétipo, não pode ser expresso em si mesmo, mas apenas por suas representações (JUNG, 2014).

Como afirma Jung (2014), não podemos nos enganar acreditando que o arquétipo, a partir de sua manifestação, encerra-se em si mesmo. Na verdade, esta é apenas uma de suas múltiplas expressões. O arquétipo exprime estruturas da psique, as quais foram constantes ao longo de toda humanidade, havendo:

tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas *formas sem conteúdo*, representando a mera possibilidade de

um determinado tipo de percepção e ação (JUNG, 2014, p. 57, grifo do autor).

A polaridade *senex* é constituída principalmente pela imagem do velho sábio, mas pode ser representada pelo:

mago, médico, sacerdote, professor, catedrático, avô ou como qualquer outra pessoa que possuía autoridade [...] manifestava-se sempre em situações em que seriam necessárias intuição, compreensão, bom conselho, tomada de decisão e plano etc., que no entanto não podem ser produzidos pela própria pessoa (JUNG, 2014, p. 216).

O velho sábio é caracterizado por Jung (2014) em seu aspecto positivo, como sendo vetor de bom conselho e ajuda, e que, por meio de suas perguntas, promove a reflexão e autorreflexão em um momento de dificuldade, que pode vir como um pensamento personificado, que convoca o sujeito a meditar sobre a questão.

Jung (2014) descreve que este pode surgir quando o herói, ao empreender sua jornada, depara-se com uma encruzilhada, um *nó górdio*, que apenas um deus *ex-machina* pode solucionar. O velho sábio, que é simbolizado pelo espírito (*Geist*) e é identificado com o sol, pode ver através da nuvem escura que paira sob o herói e traz a resolução mágica inesperada, a qual clarifica a questão que não mais parece tão desesperadora. O velho sábio conhece o caminho, as dificuldades e os métodos para enfrentá-las e conta ao herói. Este arquétipo, na faceta positiva, remete ao: “saber, o conhecimento, a reflexão, a sabedoria, a inteligência e a intuição e, por outro, também qualidades morais como benevolência e solicitude, as quais tornam explícito seu caráter “espiritual”” (JUNG, 2014, p. 222).

Assim como o arquétipo possui um aspecto positivo, ele também apresenta uma expressão negativa. Sendo assim, “o velho, na realidade, também tem um aspecto *mau*, como um xamã primitivo que, por um lado, cura, e ainda, por ou-

tro, é o temível preparador de venenos” (JUNG, 2014, p. 228, grifo do autor).

Para Bernardi (2008), a faceta negativa do *senex* é ganância, tirania e petrificação. Hillman (1999) também o vinculou a imagem de Cronos-Saturno, aquele que devora seus filhos e, por se tratar do deus do tempo, torna-se estático, impossibilitando o vir a ser. Isto se deve ao fato de estar cindido com seu aspecto *puer*, o qual é encarregado de proporcionar a transformação das estruturas estabelecidas, ou seja, promover mudanças no *status quo*.

A relação dinâmica do *senex* com seu aspecto *puer* se faz muito importante, já que o primeiro, na expressão negativa, busca conservar o estado que se encontra, sendo avesso à mudança. Isto pode culminar em uma rigidez, que se mantém sempre resistente às transformações (BERNARDI, 2008).

Sobre o arquétipo do *puer*, Hillman (1999) afirma sua complexidade, já que este contém as figuras da criança divina; do herói juvenil; do *trickster*; do Hermes-Mercúrio e do psicopompo. Von Franz (2005) realiza uma extensa leitura sobre este arquétipo, em especial dos aspectos da juventude eterna – *puer aeternus* – associando-o também a um complexo materno do sujeito que se prende ao mundo infantil, utilizando como exemplo “O Pequeno Príncipe” do autor francês Antoine de Saint-Exupéry.

Em sua análise, Von Franz (2005) caracteriza o *puer aeternus* como impaciente, isto porque, ao não obter o que deseja rapidamente, cessa suas investidas, abandonando o empreendimento. Ele não chega a realizar algo que se concretize e finalize por sua impaciência, ademais, outros planos e ideias surgem em cena e tomam o lugar da ideia anterior.

Utilizando-se das figuras e ilustrações que aparecem na obra de Saint-Exupéry, Von Franz (2005) associa as duas primeiras imagens do livro – uma jiboia engolindo uma fera e uma jiboia digerindo um elefante – ao herói que tem dificuldade em lidar com suas tarefas. Isto porque, o herói, ao ser engolido pela cobra, monstro ou

dragão, deve, com sua lança, perfurar a barriga do animal e se libertar.

Se isto não acontece e o herói fica preso ao ser engolido, a realização da tarefa que lhe foi destinada fica impossibilitada, mostrando uma postura de evitação aos problemas e às responsabilidades, e em determinado grau, demonstra uma dependência em relação a alguém que possa realizar os trabalhos em seu lugar (VON FRANZ, 2005).

Monteiro (2008b) realiza um levantamento das características do *puer* em seus aspectos positivos, que podem ser vivenciados na espontaneidade e criatividade, que impulsionam o indivíduo para uma busca constante de conhecimento. Esta jornada possibilita a emergência de novos questionamentos – o eterno “por quê” das crianças – já que *puer* está em movimento e não permanece em um único lugar à procura de saberes imutáveis. Logo, podemos dizer que “por um lado, ele é renovação da vida, por outro, é a sombra de infantilidade que todos nós carregamos” (BERNARDI, 2008, p. 31).

Sem a vivência dos opostos não há experiência da totalidade; logo, só podemos considerar ambos – *puer e senex* – em seus aspectos positivos quando são vivenciados de maneira articulada, por isso a denominação de um único arquétipo. Quando estas polaridades são experienciadas de maneira dicotômica, ocorre a unilateralidade, e os aspectos negativos do arquétipo se sobressaem (MONTEIRO, 2008b). “O *puer* inspira o brotar das coisas; o *senex* governa a colheita. Mas florescer e colher dão-se intermitentemente durante toda a vida” (HILLMAN, 1999, p. 24).

4. O processo educacional e suas interfaces com o arquétipo do *puer-senex*

Segundo a definição de Viggiano e Mattos (2009), podemos associar o processo educacional de ensino a duas práticas: autoritária ou dialógica. A prática dialógica é marcada por características que podem ser relacionadas ao aspecto

positivo do *senex* – abertura, disponibilidade, ajuda, cooperação e caráter facilitador. Isto ocorre quando existe uma comunicação fluente entre os polos do arquétipo *puer* e *senex*, já que a vivência do aspecto positivo de cada polo ocorre quando não há unilateralidade.

A prática pedagógica, quando autoritária, é marcada pela transmissão de algo que é exclusivo do *senex* para o *puer*, de forma absoluta e opressora. Tais características podem ser associadas a um arquétipo que teve seus polos cindidos, desta forma, o *senex* estaria vivenciando seus aspectos negativos.

À luz da teoria junguiana, a exigência excessiva e o autoritarismo são marcas do *senex* negativo, o qual, conforme Bernardi (2008), apega-se à tradição e rotina, devorando o que se coloca como novo, em uma resistência à mudança e tendência ao conservadorismo.

A exigência, rigidez e inflexibilidade, como aponta Faria (2006), podem impedir o desenvolvimento do aluno. Ainda sim, o *senex*, como representante da ordem, limite e fronteira, quando em harmonia com seu aspecto *puer*, tem função reguladora que auxilia a propiciar um espaço continente, dando contorno e possibilitando o desenvolvimento do processo educacional.

Como é destacado por Aquino (1999), existe uma discriminação primária da posição do professor e do aluno; isto porque o professor configura-se como autoridade, o qual tem função continente e reguladora dos contornos da relação. Esta posição precisa ser constantemente validada pelo aluno, não devendo ocorrer exclusivamente devido à historicidade do professor como autoridade.

Podemos dizer que a assimetria de poder permeia a relação professor-aluno, mas esta assimetria não sugere que o aluno não saiba nada. Por esta razão, o objetivo do professor não é conservar esta hierarquia, mas sim que esta situação seja apenas circunstancial, de modo a contribuir com a jornada do aluno, promovendo uma relação de paridade e alteridade.

Quando o professor acentua esta posição assimétrica, desvalida o conhecimento do aluno,

abusa de seus poderes e a autoridade torna-se autoritarismo, podemos supor que o *senex* está cindido do seu outro polo.

Wahba (2003) e Guggenbühl-Craig (2008) discutem sobre o abuso de poder na prática dos professores. Para os autores, uma exibição narcísica ocorre para manter a dependência do aluno ou para que o professor se sinta desejado, amado ou adulado.

Outra forma de compreensão da concepção do ensinar, seria a partir de uma adaptação da leitura de Purdie e Hattie (2002) e Grácio, Chaleta e Ramalho (2012). Os autores agrupam as representações acerca do ensinar em duas dimensões: profunda e superficial. A dimensão profunda da capacidade de ensinar aparece na medida em que o ensinar gera um desenvolvimento e mudança pessoal.

Esta estaria relacionada a um desenvolvimento da personalidade como um todo, que Jung (1981) denominou processo de individuação. Em consonância com esta dimensão está o modelo vivencial de aprendizagem proposto por Byington (1996), o qual considera o saber da experiência, e não apenas o da razão, como é o caso da dimensão superficial do ensinar.

Nesta última, o ensinar fica restrito à obtenção e memorização de uma informação. O *puer*, quando só “recebe”, acaba por assumir aspectos negativos da sua polaridade, podendo incorporar uma posição passiva, dependente, irresponsável e não questionadora, em uma aceitação acrítica do Ihe é “entregue”.

Quando não há uma polarização do arquétipo *puer-senex*, o professor participa de maneira dialógica e dialogante do processo educacional e o aluno participa de maneira ativa do seu processo de ensino-aprendizagem.

Logo, entende-se que, quando há uma inter-relação e integração entre os polos – *puer* e *senex* – do arquétipo, a transformação e criatividade – marcas do *puer* – podem ocorrer e serem concretizadas e consolidadas pelo *senex*, possibilitando uma transformação da personalidade total do professor e aluno.

5. Considerações finais

Tendo em vista que o vínculo e a relação entre professor-aluno são condições fundantes para que o processo educacional se viabilize, a qualidade e a forma como o vínculo se estabelece terá impacto, tanto no processo de ensino-aprendizagem, como no desempenho do professor e aluno.

A partir do estudo da psicologia analítica e das considerações acerca do arquétipo *puer-senex*, podemos estabelecer paralelos e interlocuções com a relação professor-aluno. Esta pode ser compreendida em um campo transferencial em que, no plano da consciência, o professor-mestre se associa ao *senex* e o aluno-aprendiz, ao *puer*. Isto porque o professor deveria despertar o aspecto *senex* – professor interior – no aluno, e o aluno deveria despertar o aspecto *puer* – aluno interior – no professor. Vale destacar que esta transferência pode se dar de maneira criativa ou defensiva, favorecendo ou não a relação professor-aluno e, conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, o entendimento da tipologia do aluno, e em especial, do professor, pode indicar a melhor maneira de manter uma relação transferencial criativa, a qual pode ser entendida como uma via para o desenvolvimento total da personalidade do aluno e professor – individualização – principalmente quando o professor possui uma prática predominantemente dialógica e entende o ensinar em sua dimensão profunda.

Isto implica articulação dos dois polos do arquétipo, já que o *senex*, quando não está conectado com seu aspecto *puer*, cessa o aprender e acredita deter todo conhecimento, permanecendo estagnado e resistente às transformações; e o *puer*, quando não se vincula à polaridade *senex*, permanece em uma posição infantil e dependente. Podemos refletir que a dinâmica integrada do *puer-senex* possibilita que estes dois aspectos se manifestam de forma construtiva na relação professor-aluno.

É importante destacar que o aprender e ensinar, quando não estão fixados na figura do aluno e professor, respectivamente, favorecem uma não polarização e cristalização dos dois atores desta relação, evidenciando que há grande possibilidade de uma vivência articulada e, conseqüentemente, positiva dos dois aspectos do arquétipo na relação pedagógica.

Por fim, sugere-se um aumento no número de estudos no campo educacional, tendo em vista que as pesquisas que estabelecem uma interlocução entre a psicologia analítica e a educação são escassas e, quando existentes, são pouco sistematizadas e consistentes, especialmente no que se refere a uma relação professor-adulto com aluno-adulto, quando comparada com a relação professor-adulto com aluno-criança. ■

Recebido em: 14/12/17

Revisão:29/04/18

ABSTRACT

The teacher-student relationship: the puer-senex archetype

this article aimed to perform a review of Jungian literature on the teacher-student relationship and its interfaces with the puer-senex archetype. The study becomes relevant as the quality of the teacher-student relationship interferes in the teaching-learning process. We noticed a change in the figure of the teacher as central, as well as in that of the student, towards greater emphasis of the relationship that occurs between them in the educational process. We observed that when a polarization of the archetype occurs, in which

the senex is associated with the learned teacher and the puer is associated with the apprentice-ignorant, there is a split of the archetype implying in a teacher who has ceased learning and is free from imperfections, and a student who depends entirely on the master to gain knowledge. Finally, we suggest an increase in the number of studies in this field, since research that establishes an interlocution between analytical psychology and education is scarce, and when it exists, it is poorly systematized and consistent. ■

Keywords: Professor-student relationship, Professor-apprentice, Puer-senex, Education.

Resumen

La relación profesor-alumno: el arquetipo puer-senex

Este artículo objetivó realizar una revisión de literatura Junguiana sobre la relación profesor-alumno y sus interfaces con el arquetipo puer-senex. El estudio se hace relevante a medida que la calidad de la relación profesor-alumno interfiere en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Se percibe una modificación en la figura del profesor como central, así como en la del alumno, para el énfasis de la relación que ocurre entre ambos en el proceso educativo. Se observó que cuando ocurre una polarización del arquetipo, en que el

senex está asociado al maestro-instruido y el puer al aprendiz-ignorante, existe una escisión del arquetipo implicando en un profesor que cesó el aprender y está libre de imperfecciones y un alumno, que depende totalmente del maestro para obtener conocimiento. Por último, se sugiere un aumento en el número de estudios en este campo, teniendo en cuenta que las investigaciones que establecen una interlocución entre la psicología analítica y la educación son escasas, y cuando existen, son poco sistematizadas y consistentes. ■

Palabras clave: Relación profesor-alumno, Maestro-aprendiz, Puer-senex, Educación.

Referências

- ANDRADE, S. M. A. C. O despertar simbólico para uma educação integradora. *Interdisciplinaridade*, v. 1, n. 1, p. 93–101, 2011.
- ANJOS, R. E. A Teoria dos tipos psicológico de Jung e sua contribuição para a relação professor-aluno. *Revista Científica do Unisalesiano*, v. 4, n. 8, p. 80–96, 2013.
- AQUINO, J. G. Autoridade docente, autonomia discente: uma equação possível e necessária. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999.
- ARAÚJO, R. F. F. Visão junguiana da relação professor-aluno. *Ágora Revista Eletrônica*, v. 8, n. 16, p. 213–22, 2013.
- BERNARDI, C. Visão Geral: Senex-et-puer: um esboço da psicologia de um arquétipo. In: MONTEIRO, D. M. R. (Org.). *Puer-senex: dinâmicas relacionais*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17–53.
- BYINGTON, C. A. B. *Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento do ser*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CAVIGLIA, P. M. C. Educar Visando a Individualização. *CADERNOS JUNGUIANO*, v. 1, p. 104–13, 2005.
- FARIA, D. L. Imagens do pai na mitologia. *Psicologia Revista*, v. 15, n. 1, p. 45–58, 2006.
- FREITAS, L. V. O arquétipo do mestre-aprendiz. *Revista Junguiana*, n. 8, p. 72–99, 1990.
- GALIÁS, I. Ensinar-aprender: uma polaridade no desenvolvimento simbólico. *Revista Junguiana*, v. 7, p. 89–100, 1989.
- GRÁCIO, M. L.; CHALETA, M. E.; RAMALHO, G. Quality of learning in higher education: students' conceptions of learning as a critical aspect. In: ATINER CONFERENCE PAPER SERIES, PSY2012-0194, 2012, Atenas. *Anais...* Atenas, 2012.
- GUGGENBÜHL-CRAIG, A. *O abuso do poder na psicoterapia: e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- HILLMAN, J. *O livro do puer: ensaios sobre o arquétipo do puer*. São Paulo: Paulus, 1999.
- JUNG, C. G. *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.
- JUNG, C. G. *A prática da psicoterapia*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- LESSA, E. A contribuição da tipologia de Jung no processo de aprendizagem. *Revista Aprender*, v. 3, n. 6, 2003.
- MONTEIRO, D. M. R. Apresentação. In: MONTEIRO, D. M. R. (Org.). *Puer-senex: dinâmicas relacionais*. Petrópolis: Vozes, 2008a. p. 271.
- MONTEIRO, D. M. R. No envelhecer, ao envelhecer... O Puer revitalizando o Senex. In: MONTEIRO, D. M. R. (Org.). *Puer-senex: dinâmicas relacionais*. Petrópolis: Vozes, 2008b, p. 54–79.
- PENNA, E. M. D. A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico. In: WERRES, J. (Org.) *Ensaio sobre a clínica junguiana*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005, p. 145–72.
- PURDIE, N.; HATTIE, J. Assessing students' conceptions of learning. *Australian Journal of Educational and Developmental Psychology*, v. 2, p. 17–32, 2002.
- SAIANI, C. *Jung e a educação: uma análise da relação professor/aluno*. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2003.
- STEIN, M. *Jung: o mapa da alma: uma introdução*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- VIGGIANO, E.; MATTOS, C. Quais são as visões existentes sobre ensinar e aprender. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. *Anais...*, Florianópolis, 2009.
- VON FRANZ, M.-L. *Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- WAHBA, L. L. Poder e amor: a sedução dos mentores. *Revista Junguiana*, v. 21, p. 39–46, 2003.
- YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, T. (Org.). *Manual de Cambridge para estudos junguianos*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Expressões da sexualidade: um olhar junguiano

Ana Lia B. Aufranc*

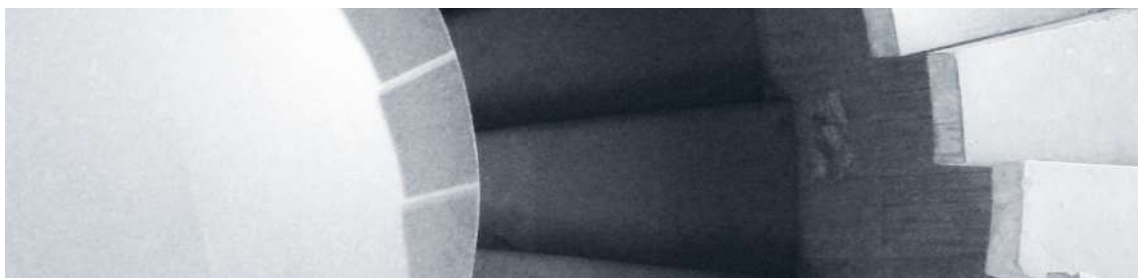
Resumo

Até o início do século XX havia uma definição rígida do que era ser homem e do que era ser mulher, da masculinidade e da feminilidade. Atualmente as questões de identidade de gênero e de orientação sexual vão além do binarismo e configuram uma sexualidade mais fluida que desafia a consciência coletiva. Nossa cultura judaico-cristã levou a uma sobrevalorização do masculino em detrimento do feminino e às repressões daí decorrentes na história de nossa sexualidade. Alguns aspectos

dessa história, no Brasil, são revistos a fim de nos situarmos no panorama atual. Ao despirmos os conceitos de *anima* e de *animus* de seu viés cultural e de padrões rígidos, podemos compreender que o arquetípico se expressa nas mais diferentes polaridades, no feminino e no masculino, na alma e no corpo, dentro e fora de nós e que a psique individual bem como a coletiva se transforma e desenvolve seu potencial criativo a partir da diferenciação e da integração das diferentes polaridades. ■

Palavras-chave

Identidade de gênero, orientação sexual, binarismo, *anima* e *animus*.



* Psicóloga, analista junguiana pela SBPA-IAAP, supervisora e coordenadora de seminários no Instituto de Formação de Analistas da SBPA.
E-mail: <ana-lia@uol.com.br>

Expressões da sexualidade: um olhar junguiano

No universo junguiano encontramos a questão tão presente das polaridades: consciente e inconsciente. As polaridades básicas que conduzem à individuação, ao caminho de nos tornarmos, através do desenvolvimento da consciência, aquilo que somos em nossa totalidade.

Jung descreve a psique como sendo potencialmente criativa: não dependemos da repressão dos instintos para desenvolver cultura. O arquetípico se expressa nas polaridades do espírito e do instinto, da psique e da matéria, do feminino e do masculino, na alma e no corpo. O arquetípico está ao mesmo tempo dentro e fora de nós, não há lado de fora da psique coletiva.

A meu ver, uma das grandes riquezas do pensamento junguiano encontra-se na conceituação dos arquétipos da *anima* e do *animus*.

Em que pesem as críticas em relação ao viés cultural, que está muitas vezes presente na descrição dessa conceituação, é preciso lembrar a sua originalidade. Jung, em *Aion*, ao descrever esses conceitos, diz: “estou completamente consciente de estar discutindo um trabalho pioneiro o que, por sua própria natureza, só pode ser provisório” (JUNG, 1981a, § 27).

Se temos isto em mente, nos damos conta da riqueza da descrição de que tanto o homem quanto a mulher trazem no seu inconsciente a polaridade oposta àquela com a qual a consciência se identifica. Estas polaridades opostas nos permeiam, nos fascinam, nos atraem, fazem com que nos apaixonemos. Busquemos no outro, no diferente, aquilo que nos completa, aquilo que nos leva a novas transformações.

As imagens anímicas surgem espontaneamente do inconsciente, fazem parte da função compensatória da relação consciente /inconsciente. Assim, se pensarmos a *anima* e o *animus* não identificados a padrões rígidos, seriam contrapartidas necessárias para a individuação, ca-

nais de comunicação com o inconsciente, que se expressam fora e dentro de nós.

Nossa cultura judaico-cristã associa o princípio masculino, solar, discriminativo, ativo, logos, espírito ao homem e o feminino, lunar, reflexivo, passivo, eros, matéria, à mulher. Há também, em nossa cultura, uma evidente repressão do feminino e da mulher. Vivemos em uma cultura patriarcal com uma sobrevalorização do masculino.

Vejamos um pouco como isso se deu na história do Brasil. Ao desembarcar na Terras de Santa Cruz, os portugueses ficaram inicialmente impressionados com a beleza das índias que caminhavam nuas pelas novas terras. Os primeiros cronistas, como Pero Vaz de Caminha, as viam como criaturas inocentes e puras, cuja beleza nua chamava a atenção (PARKER, 1991).

Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, no capítulo “O Índigena na Formação da Família Brasileira”, diz:

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua... muitos clérigos deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregar aos brancos, as mais ardentes, indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho (FREYRE, 1983, p. 93).

Na medida, porém, em que os índios se mostraram antropófagos e resistiram à chegada dos estrangeiros, passaram a ser associados ao demônio. É claro que isso já vinha com a chancela da igreja católica. A grande função dos jesuítas, em seu projeto de catequese, era a de reprimir e censurar os corpos nus dos nativos. Era preciso

que eles fossem urgentemente vestidos, afinal era inaceitável vê-los nus na missa e menos ainda cabia assistir, durante a celebração, à excitação que as índias causavam nos portugueses.

Na visão dos portugueses, o indígena era um animal lascivo que vivia sem nenhum constrangimento os seus desejos carnavais. Para os jovens colonos, era a própria imagem do paraíso, libertos que estavam das repressões e restrições impostas à sexualidade pela cultura de origem. De acordo com Freyre (1983, p. 101): “Era natural a europeus surpreendidos por uma moral sexual tão diversa da sua concluírem pela extrema luxúria dos indígenas; entretanto, dos dois povos, o conquistador talvez fosse o mais luxurioso”.

Cabia aos missionários coibir os atos considerados libidinosos, como a poligamia e a sodomia, hábitos naturais entre os índios habitantes da nova terra. Entre os índios Tupinambá, por exemplo, que ocupavam a maior parte da costa brasileira naquela época, havia os Tibira, homens homossexuais e as Çacoimbeguirá, as mulheres homossexuais; entre os Kadiweu havia os kudina que eram homem-mulher e assim por diante entre as outras tribos nativas (FERNANDES, 2016).

Esse projeto da igreja, ao mesmo tempo ca-tequista e repressor, repetiu-se, possivelmente de forma mais violenta, com a população negra, pouco tempo depois, com o início do tráfico de escravos em 1526.

Às índias (no século XVI) e às negras (no século XVII) coube o papel de prostitutas e/ou amantes. De acordo com o ditado popular da época: “branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar” (Del Priore, 2014, p. 46). As brancas de elite eram vendidas em casamento.

Para as autoridades religiosas, o ato sexual e qualquer atrativo feminino eram sinônimos de tentação diabólica. À mulher cabia o papel de reprodutora, seu corpo era demonizado. O único aspecto do feminino aceito era a maternidade. A virgindade, evidentemente, era obrigatória para o casamento. O adultério feminino era passível de ser punido com a morte. Já as traições realizadas pelos homens eram tidas como naturais, e

passam a ser normais a existência das chamadas “teúdas e manteúdas” e a de seus filhos bastardos. A iniciação sexual dos filhos dos senhores de engenho, bem como o prazer destes, era vivido na sombra social da senzala. A religião e o Estado caminhavam juntos, o pecado era crime, atentado a Deus e ao Rei. A Inquisição portuguesa teve início em 1536 e só se encerrou em 1821. O homossexual, chamado de sodomita, era julgado pelas Ordenações Manuelinas com pena de morte na fogueira, confisco dos bens e infâmia de todos os descendentes até a terceira geração. Embora isso não tenha chegado a acontecer no Brasil, os sodomitas que fossem acusados poderiam ser presos e enviados ao Santo Ofício de Lisboa. Ironicamente, muitos haviam sido mandados pelo Santo Ofício, em degredo, ao Brasil.

Havia uma rede de comunicação bastante extensa entre a colônia e o Santo Ofício, além dos membros da igreja, pessoas da elite poderiam ser aceitas como representantes da Inquisição. Fazer parte do quadro da Inquisição trazia *status* na colônia, além de privilégios como a isenção fiscal. Significava que tal pessoa era reconhecida como tendo “limpeza de sangue”, isto é, sem misturas de índios ou de negros. Cabia aos representantes do Santo Ofício oficializar delações que seriam enviadas ao Tribunal de Lisboa. E, eventualmente, oficiais da Inquisição visitavam o Brasil.

É interessante verificar que muito do que se sabe da vida sexual daquela época constava dos registros minuciosos das denúncias e das confissões. Havia dúvidas, por exemplo, do que se fazer com as delações de homossexualidade feminina. A penalidade para a homossexualidade se referia à chamada sodomia completa, que significava penetração anal. Mas como poderia haver sodomia entre mulheres? Outra questão que suscitava dúvidas era se a sodomia praticada entre um homem e uma mulher também seria passível de pena.

O fato de não haver tribunais da Inquisição no Brasil trazia uma liberdade muito maior aos habitantes da nova terra em comparação com a população de Portugal.

Para a trilha sonora da peça de teatro *Calabar, o Elogio da Traição*, de 1973, Chico Buarque compôs um frevo “Não existe pecado ao sul do equador”. Essa frase o compositor encontrou em uma nota de rodapé do livro *Raízes do Brasil*, de seu pai Sérgio Buarque de Holanda. É uma frase que faz parte do livro *Histórias de Feitos Recentemente Praticados no Brasil*, do historiador holandês Caspar von Barlaeus, da corte de Maurício de Nassau, em Pernambuco durante o século XVII. Neste, Barlaeus diz que é como se a linha que divide o mundo em dois hemisférios também dividisse a virtude do vício.

A partir do século XIX, a medicina passou a ocupar o espaço da religião na instrução de como deveria ser o relacionamento sexual. A nudez completa estava associada ao sexo no bordel, as relações deveriam ocorrer no escuro e com corpos cobertos. A ciência explicava que a ejaculação extraia o que haveria de mais puro no sangue do homem: 30 gramas de sêmen corresponderiam à hemorragia de 1.200 gramas de sangue, portanto não se aconselhava o desperdício. Nada de masturbação, e as relações deveriam ser rápidas visando a fecundação (DEL PRIORE, 2014). Entre 1840 e 1850, dois médicos franceses descobriram os mecanismos da ovulação feminina; isto demonstrou, com clareza, que o orgasmo feminino era totalmente desnecessário! (DEL PRIORE, 2014).

O prazer nessa época era também vivido na sombra social. Havia, no século XIX, no Rio de Janeiro, três categorias de prostitutas: as aristocráticas ou de sobrado, que eram em geral francesas, mantidas por políticos ou fazendeiros e estavam associadas ao luxo no morar e no vestir; as de sobradinho, que eram mais pobres e trabalhavam em hotéis, eram polacas ou mulatas; e as da escória, mulheres que atendiam em casebres ou em fundos de barbearias.

Já as mulheres honestas não deveriam sentir prazer. A elas era reservado o papel de ser boa mãe, submissa e doce. O instinto materno deveria anular o instinto sexual. Caso contrário, tratava-se de patologia, ninfomania ou histeria,

porque o cérebro da mulher poderia ser dominado pelo útero. Na versão de um médico da época, a excessiva voluptuosidade era de fácil diagnóstico: essas mulheres são péssimas donas de casa (DEL PRIORE, 2014). Os remédios eram os mesmos dos 200 anos anteriores: banhos frios e caminhadas.

A dissociação entre a virgem santa, mãe dos filhos e a prostituta com quem se pode viver o prazer, tem ecos até hoje na psique coletiva. O corpo e o prazer saem então da jurisdição religiosa e passam para o campo da ciência, não mais pecado, mas sim doença. A homossexualidade deixa de ser pecado ou crime e passa a ser uma patologia degenerativa: falhas biológicas e psíquicas que colocam em risco a espécie humana. O homossexual não mais é preso em cárcere, mas sim em clínicas e manicômios. No Brasil, a homossexualidade saiu do código penal em 1830, mas as prisões continuaram a ocorrer sob a justificativa de atentado ao pudor ou vadiagem. Somente em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria deixou de considerar a homossexualidade como sendo transtorno mental e a retirou do *Diagnostic and Statistical Manual Disorders* (DMS). Mesmo assim continuou a constar como doença mental no Classificação Internacional de Doenças (CID) até 1990, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou a décima versão dessa classificação (CID-10). Essa versão só entrou em vigor, para os países-membro das Nações Unidas, em 1993 (OMS, s.d.).

Apenas em março de 1999, ou seja, há menos de 20 anos, o Conselho Federal de Psicologia editou a Resolução nº 001/1999, que define que a homossexualidade não é doença, nem distúrbio, nem perversão. Nessa Resolução, os psicólogos são orientados a não exercer qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas e nem colaborar com eventos e serviços que proponham tratamento e cura da homossexualidade (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999).

As mulheres, por sua vez, tiveram a alforria ao próprio prazer a partir do lançamento da pílula

anticoncepcional, que se deu nos EUA em 1960 e que chegou ao Brasil em 1962. Inicialmente pensada como forma de possibilitar o planejamento familiar, passa a ser usada por mulheres solteiras, o que configura a revolução sexual. A sexualidade passa a poder ser vivida plenamente, em sua dimensão do prazer, sem associação com a gravidez. A mulher passa a poder ser dona de seu prazer e de seu corpo, como nunca tivera a condição antes.

O início da liberdade sexual é vivido nessa época, no Brasil e no mundo, junto a enormes movimentos de transformações de costumes.

Iniciam-se no Brasil, os primeiros movimentos pelos direitos *gays* no final dos anos 1970. Na ocasião, eram predominantemente formados por homossexuais masculinos, mas logo as lésbicas passaram a participar. Nos anos 1990, os travestis e transexuais aderiram e, no início de 2000, os bissexuais.

Até o começo do século XX há uma definição rígida do que é ser homem e do que é ser mulher, da masculinidade e da feminilidade. A homossexualidade é vista, ainda nos anos 1970, dentro da perspectiva do masculino dominante e do feminino passivo. A bicha, como era chamado, é o passivo; o homem que transa com a bicha não é, necessariamente, considerado homossexual. Sapatão é a mulher que se exerce masculinamente, a parceira feminina, não. Ou seja, é homossexual o homem feminino e passivo ou a mulher masculina e ativa.

O movimento GLS (*gays*, lésbicas e simpaticizantes) passa a ser LGBT: lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e em algumas regiões do Brasil o “T” inclui transgêneros (eventualmente é também acrescido o Q de *queer*).

Para além do sexo anatômico, homem e mulher, há a questão da identidade de gênero e da orientação sexual. A identidade de gênero está ligada à maneira como a pessoa se auto-define. Nascer homem e sentir-se mulher ou nascer mulher, mas sentir-se homem, ou ser cisgênero, ou seja, identificado com o sexo de nascimento. A não binaridade de gênero inclui

formas variadas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade e fluidez de gênero. Por exemplo, um gênero não binário é o agênero que se caracteriza basicamente pela ausência de gênero ou o bigênero que se caracteriza pela vivência de dois gêneros simultaneamente.

Já a orientação sexual tem a ver com a expressão da sexualidade, do desejo, da atração afetivo sexual. Nesse sentido, a orientação sexual pode ser hetero, homo, bi ou pansexual, que seria a atração sexual ou amorosa entre pessoas independentemente do sexo ou da identidade de gênero.

Não raro hoje temos notícia de novas formações de casais e de famílias. No Equador, houve recentemente o relato de um casal: ela, Diane (que nasceu Luis), e ele, Fernando (que nasceu Maria). Ambos tomam hormônios, mas não fizeram a cirurgia de redesignação sexual e tiveram um filho. Logo, é o pai que deu à luz e amamenta. É interessante ver imagens de homens barbados amamentando (CRELLIN, 2017). Os transexuais podem ser heterossexuais, como é o caso do casal equatoriano. Mas podem também ser *gays*, lésbicas ou bissexuais tanto quanto as pessoas cisgênero. Ou seja, por exemplo, alguém nascido mulher pode se identificar como homem e sentir atração por outro homem. Seria, então, um homem trans homossexual.

Na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, os alunos podem solicitar o uso de um nome social, o que significa começar o curso com um nome masculino e terminar com um feminino ou vice-versa. Recentemente, foi instituído ali também, além dos banheiros para homens e para mulheres, o banheiro unissex.

Há ainda uma comunidade que se autodenomina assexual. A assexualidade, segundo a definição da própria comunidade, é diferente do celibato, porque este seria uma escolha e diferente do desejo sexual hipotativo, que seria patologia. Essa comunidade entende a assexualidade como sendo uma orientação sexual, ou seja, não sentem atração sexual por outros indivíduos, mas podem ser heterorromânticos,

homorromânticos, birromânticos, panromânticos ou aromânticos.

É claro que tudo isso é extremamente novo para a consciência coletiva. Mas será que tudo isso é realmente novo?

A maioria dos deuses cosmogônicos tem uma natureza bissexual. O hermafrodita é a imagem da união dos opostos. Está presente na indiferenciação inicial da totalidade, mas aponta, também, para a meta da individuação, o processo de desenvolvimento do *Self* de um estado inconsciente para um estado consciente. Por isso, o lápis *philosophorum*, na alquimia, está no início e no fim do processo. Os opostos presentes em suas potencialidades iniciais e em sua integração final.

A separação dos opostos é a condição inicial para o desenvolvimento da consciência, mas a *opus* implica a integração dos opostos.

Hermes é o símbolo da prima matéria e seu agente transformador. Muitas vezes, ele é retratado como hermafrodita, imagem que reflete a natureza da divindade que é “Todo em Um”. Hermes Trismegisto, ao revelar seus segredos a Asclépio, diz:

Deus não tem nome e possui todos os nomes pois ele é ao mesmo tempo o Um e o Todo. Infinitamente repleto com a fecundidade de ambos os sexos, ele continuamente faz nascer o que planeja criar [...] (SINGER, 1990, p. 116).

O ser primordial, que engloba as polaridades, se torna, de acordo com Jung (1981a), com o desenvolvimento da civilização, um símbolo da união da personalidade, um símbolo do *Self*, da totalidade.

No hinduísmo, a fusão de Shakti e Shiva é representada pela união sexual entre eles ou por uma figura com dois sexos, metade feminina e metade masculina. Shiva e Shakti unidos formam o absoluto não manifesto: Brahman. A criação do universo se dá quando

Shiva e Shakti se separam, com o surgimento da dualidade.

Maya, a magia de Shakti, dá a aparência de finito ao infinito, de múltiplo ao que é uno, de destrutível ao que é eterno. Penetrando através de Maya, é possível atingir o absoluto, ultrapassando as limitações e as dualidades, vivenciar o reconhecimento de ser parte do todo.

Com a integração de Shiva, o princípio masculino, e de Shakti, o feminino, se atinge a percepção de que somos unidade. Para isso há dois caminhos tântricos, ou seja, duas práticas: o *Vama Tantra*, que entende que a energia masculina se manifesta principalmente no homem e a feminina principalmente na mulher, daí a prática ritualizada do ato sexual para uni-los; e a *Dakshina Tantra*, que entende que tanto o homem como a mulher possuem os dois princípios, masculino e feminino, e preconiza práticas que visam integrar ambos em cada ser individualmente.

Junito Brandão (1991a), especialista em mitologia grega e latina, faz uma diferenciação interessante entre o Hermafrodito e o Andrógino.

Segundo Ovídio, em *Metamorfoses*: Hermafrodito, filho de Hermes e Afrodite, era um jovem belíssimo. A ninfa Sálmacis, ao vê-lo banhando-se na sua fonte, apaixonada, o enlaçou fortemente e pediu aos deuses que jamais a separassem dele. Suas súplicas foram atendidas e os dois corpos foram fundidos em um só. Hermafrodito, ao perceber o que havia ocorrido, implora aos pais, no que é atendido, que todo aquele que se banhasse nas águas límpidas da fonte de Sálmacis ficasse impotente. O Hermafrodito estaria assim associado à simbiose e à esterilidade, representaria um movimento regressivo do dois diferenciado para o um.

Já os andróginos, em o *Banquete* de Platão, de acordo com Aristófanes, eram seres esféricos que incluíam os dois sexos e que foram se tornando audaciosos, a ponto de ameaçar os deuses com suas tentativas de escalar o Olimpo. Zeus, face ao perigo, resolveu cortar o andrógino em duas partes e encarregou Apolo de curar suas feridas e virar seus rostos para o lado em que a

separação havia sido feita. Assim eles poderiam contemplar a marca dos cortes, o umbigo e, com isso, se tornariam mais humildes. Cada metade tem procurado, desde então, a outra contrária em um desejo intenso de se “re-unir” e foi assim que teve origem o amor.

É importante lembrar que, de acordo com o mito, inicialmente existiriam três sexos humanos: o masculino, que provem de Hélio, o sol; o feminino, que provem de Géia, a terra; e o andrógino, que provém de Selene, a Lua, e que compartilha de ambos os sexos. Outra questão interessante é que existiriam também outras duas fusões, que Zeus também separou, a de mulher com mulher e a de homem com homem, o que teria dado origem ao desejo homossexual (BRANDÃO, 1997).

O andrógino, ao contrário do hermafrodito, estaria associado à fecundidade, à diferenciação e à procura de reunião.

Na mitologia grega, a androginia, assim como a mudança de sexo, é comum. Talvez a referência mais conhecida de mudança de sexo seja a de Tirésias. Na adolescência, Tirésias, que havia nascido homem, ao ter que passar pelas provas iniciáticas, subiu o monte Citerão no Peloponesso. No caminho, viu duas cobras copulando; ele as separou e, segundo algumas versões, matou a fêmea. Naquele instante, ele se transformou em mulher. Como mulher se tornou sacerdotisa de Hera, casou-se e teve filhos. Em outra versão, tornou-se uma prostituta famosa. Após sete anos como mulher, Tirésias, ao subir novamente o monte Citerão, encontrou a mesma cena anterior. Desta vez, matou a serpente macho e voltou a ser homem (Brandão, 1991b).

Tirésias é uma figura complexa, mediador entre a humanidade e os deuses, homem e mulher, cego e vidente.

Voltando às terras brasílicas, temos que os pajés eram, via de regra, homossexuais, transexuais ou bissexuais. Gilberto Freyre (apud RODRIGUES; NOVAIS, 2013, p. 49), citando crônicas do século XVI, diz:

quanto aos pajés, é provável que fossem daquele tipo de homens efeminados ou invertidos que a maior parte dos indígenas da América antes respeitavam e temiam, do que desprezavam ou abominavam. A verdade, é que para as mãos de indivíduos bissexuais ou bissexualizados pela idade, resvalam, em geral, os poderes e a função de místicos, de curandeiros, pajés e conselheiros, entre as várias tribos.

Na mitologia afro-brasileira, que também forma nossa cultura, temos Oxumarê, um orixá vidente e curador. De acordo com algumas versões, vive metade do ano como homem e a outra metade, como mulher. Oxumarê está ligado à imagem da serpente e à imagem do arco íris. Oxumarê une com seu longo véu multicolorido, o céu e a terra, fazendo assim a comunicação com os deuses. É o orixá ligado à força vital do movimento, da transformação e da renovação (GALLI, 2011; PRANDI, 2001). É uma figura complexa que muito se assemelha à de Tirésias.

Voltando aos dias de hoje, o Brasil é o país que, em números absolutos, mais registra assassinatos de travestis e transexuais. A expectativa de vida dos transgêneros é de 35 anos, de acordo com a Associação Nacional de Transexuais e Travestis do Brasil (Antra, [2000]). Ou seja, menos da metade da expectativa de vida da população brasileira, que pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 75,8 anos (MARLI, 2017). No CID-10 (F64) ainda consta como transtorno de identidade sexual e no DSM-5 como disforia de gênero.

No primeiro semestre de 2017 foi registrado, no estado de São Paulo, um feminicídio a cada quatro dias. Sancionada em 2015, a *Lei do Feminicídio* (BRASIL, 2015) transformou em hediondo o assassinato de mulheres motivado justamente por sua condição de ser mulher. São os casos de violência doméstica e familiar e do menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Assim como o estupro, a motivação costuma estar ligada a uma afirmação do poder do homem.

A cidade de São Paulo registra sete casos de estupro por dia. Estima-se que apenas 10% das vítimas reportem o crime à polícia. Em pesquisa recente (outubro, 2017) da *Thomson Reuters Foundation*, São Paulo é a megalópole mundial com maior potencial de risco de violência sexual para mulheres e se equipara a Nova Deli, na Índia (BHALLA; MENDES, 2017).

Em uma cultura que privilegia o masculino e inferioriza o feminino, há ainda a primazia da heterossexualidade como sendo a forma normal e madura da sexualidade. A homossexualidade, embora tenha saído do rol das patologias e do crime, ainda está em processo de aceitação cultural. Já as questões trans são ainda muito novas para a consciência coletiva.

A Dinamarca foi o primeiro país, cuja lei entrou em vigor em janeiro de 2017, a retirar as identidades trans da lista de transtornos mentais (RUSSO, 2017). Em São Paulo, desde de 2010, o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo tem mantido o Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual.

Eros é vida é transformação. A individuação não necessariamente significa adaptação social. Não somos responsáveis, em última instância, pelo que somos na nossa identidade mais profunda, mas sim pelo que fazemos com isso.

A *anima* e o *animus*, não identificados a padrões rígidos, seriam as contrapartidas necessárias à individuação. A integração das diferentes polaridades na procura do desenvolvimento do que é próprio a cada um.

Estaremos vivendo uma enorme indiferenciação? Ou então simplesmente, ao “saírem do armário” os esqueletos reprimidos, vem chegando à consciência coletiva a imensa riqueza das possibilidades humanas. Vem se expressando toda a potencialidade contida simbolicamente em uma relação erótica.

Ney Matogrosso, cantor que surgiu com o grupo Secos e Molhados em 1973, disse recentemente em uma entrevista ao jornal Folha de

S. Paulo (17/07/1017): “nunca quis ser mulher nem ocupar o lugar de mulher. Sou um homem que apenas não respeitou os limites, que transita com liberdade entre uma ponta e outra do espectro” (CANÔNICO, 2017).

Triz¹, *rapper* paulista, em letra da música *Elevação Mental*, diz: “E para quem quer saber o meu gênero é neutro. Cê não precisa entender, só precisa ter respeito”.

Com a questão trans, tudo sai do “seu devido lugar”, soa estranho, imprevisível. É fácil termos a necessidade de encaixar o novo, que traz insegurança, no conhecido. Como se, ao existirem apenas dois sexos anatômicos, só pudessem existir também dois gêneros. Em um documentário sobre Laerte², que passou a se autodenominar a Laerte, fica claro o preconceito inclusive entre os próprios transexuais, “se você não fez cirurgia, então você não é mulher”; é uma fala que Laerte escuta de mulheres trans.

O novo traz uma sexualidade mais fluida, para além do binarismo e das polarizações radicais de masculino e feminino. Para além, também, das categorizações LGBT que, às vezes, parecem crescer em letras na tentativa de categorizar e enquadrar o novo.

Podemos continuar a jogar pedra na Geni (como na letra da música “Geni e o Zepelim”, de Chico Buarque de Holanda³), projetando o mal no diferente, no novo, configurando assim a dissociação e a esterilidade, ou podemos procurar seguir uma lei básica de Zeus a xenía.

A xenía é o oposto da fobia. É a lei da hospitalidade, pela qual se deve receber o estrangeiro, o diferente, o novo e oferecer-lhe comida, bebida, banho e abrigo. Nunca perguntar nada ao hóspede até que ele tenha saciado as suas necessidades. Só no dia seguinte perguntar a que veio. ■

Recebido em: 25/02/2018

Revisão:17/05/2018

¹ <https://www.letras.com.br/triz/elevacao-mental/>

² <https://www.netflix.com/br/title/80142223>

³ <https://www.letras.mus.br/MPB/ChicoBuarque/GenieoZepelim>

Abstract

Expressions of sexuality: A jungian view

Until the beginning of the 20th century there was a rigid definition of what it was to be a man and what it was to be a woman, of masculinity and femininity. Currently issues of gender identity and sexual orientation go beyond binarism and configure a more fluid sexuality that challenges the collective consciousness. Our Christian Jewish culture led to an overvaluation of the masculine to the detriment of the feminine and to the repressions that derive in the history of our sexuality. Some aspects of this history, in Brazil,

are revised in order to situate ourselves in the current panorama. By undoing the concepts of anima and animus from their cultural bias and rigid patterns, we can understand that the archetypal is expressed in the most different polarities, in the feminine and masculine, in the soul and in the body, inside and outside of us and that the individual psyche as well as the collective one is transformed and develops its creative potential, starting from the differentiation and integration of the different polarities. ■

Keywords: gender identity, sexual orientation, binarism, anima and animus.

Resumen

Expresiones de la sexualidad: una mirada junguiana

Hasta principios del siglo XX había una definición rígida de lo que era ser hombre y de lo que era ser mujer, de la masculinidad y de la feminidad. Actualmente las cuestiones de identidad de género y de orientación sexual van más allá del binarismo y configuran una sexualidad más fluida que desafía la conciencia colectiva. Nuestra cultura judía cristiana llevó a una sobrevaloración de lo masculino en detrimento de lo femenino y a las represiones que se derivan en la historia de nuestra sexualidad. Algunos as-

pectos de esta historia, en Brasil, se revisan a fin de situarnos en el panorama actual. Al deshacer los conceptos de anima y de animus de su sesgo cultural y de patrones rígidos, podemos comprender que el arquetípico se expresa en las más diferentes polaridades, en el femenino y en el masculino, en el alma y en el cuerpo, dentro y fuera de nosotros y que la psique individual así como la colectiva se transforma y desarrolla su potencial creativo, a partir de la diferenciación y de la integración de las diferentes polaridades. ■

Palabras clave: identidad de género, orientación sexual, binarismo, anima y animus.

Referências

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS DO BRASIL. [c2000]. Disponível em: <<https://antrabrasil.org>>. Acesso em: 5 set. 2017.
- BHALLA, N.; MENDES, K. São Paulo e Nova Délhi são as piores metrópoles em violência sexual contra mulheres, diz pesquisa. Reuters, 16 out. 2017. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN1CL230-OBRDN>>. Acesso em: 12 maio 2018.
- BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991a. vol. 1.
- BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991b. vol. 2.
- BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1997. vol. 3.
- BRASIL. Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. *Diário Oficial da União*. 10 mar. 015.
- CANÔNICO, M. A. 'Que gay o caralho. Eu sou um ser humano', diz Ney Matogrosso. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 jul. 2017, Ilustrada. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/07/1902472-que-gay-o-caralho-eu-sou-um-ser-humano-diz-ney-matogrosso.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2017.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP Nº 001/99, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.
- CRELLIN, O. Conheça o casal transgênero em que o pai deu à luz um menino. *BBC Brasil*, 26 set. 2017, Mundo. Disponível em: <g1.globo.com/mundo/noticia/2016/09/conheca-o-casal-transgenero-em-que-o-pai-deu-luz-um-menino.html>. Acesso em: 15 set. 2017.
- DEL PRIORE, M. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2014.
- FERNANDES, E. R. Homossexualidade Indígena no Brasil: desafios de uma pesquisa. *Novos Debates*, v. 1, n. 2, jul. 2016. Disponível em: <<http://www.novosdebates.abant.org.br/index.php/.../119homossexualidade-indigena-no-brasil>>. Acesso em: 13 out 2017.
- FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- GALLI, G. *As lendas dos orixás*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- GOMES, A. R.; NOVAIS, S. N. S. Práticas sexuais e homossexualidade entre os indígenas brasileiros. Núcleo de Estudos de Gênero. *Caderno Espaço Feminino*, v. 26, n. 2, 2013. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/viewFile/24666/1326> Acesso em: 20 out. 2017.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- JUNG, C. G. The Syzygy: anima and animus. In: JUNG, C. G. *Aion: researches into the phenomenology of the self*. London: Routledge & Kegan Paul, 1981a. (Collected Works by C. G. Jung, 9/II).
- JUNG, C. G. The Psychology of the Child Archetype. In: JUNG, C. G. *The Archetypes and the Collective Unconscious*. London: Routledge & Kegan Paul, 1981b. (Collected Works by C. G. Jung, 9/I).
- MARLI, M. Expectativa de vida do brasileiro sobe para 75,8 anos. *Agência IBGE*. 1 dez 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/%E2%80%A6/18469-expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe%E2%80%A6>>. Acesso em: 20 abr 2018.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório da Conferência Internacional para a Décima Revisão da Classificação Internacional de Doenças. S. d. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/relatorio_da_conferencia.htm#Relat7>. Acesso em: 22 out 2017.
- PARKER, R. G. *Corpos prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RODRIGUES G. A.; NOVAIS S.N. Práticas sexuais e homossexualidade entre os indígenas brasileiros. *Núcleo de Estudos de Gênero. Caderno Espaço Feminino*, v. 26, n. 2, p. 44-57, dez. 2013.

RUSSO, F. Where transgender is no longer a diagnosis: Denmark becomes the first country to declassify it as a mental disorder. *Scientific American*, Jan 6, 2017, Policy & Ethics. Disponível

em: <<https://www.scientificamerican.com/article/where-transgender-is-no-longer-a-diagnosis>>. Acesso em: 20 out. 2017.

SINGER, J. *Androginia*: rumo a uma nova teoria da sexualidade. São Paulo: Cultrix, 1990.

SINGER, J. *Androginia*: rumo a uma nova teoria da sexualidade. São Paulo: Cultrix, 1990.



O curador-ferido e a individuação

Renata Ferraz Torres*

Resumo

Este trabalho tece reflexões a respeito da importância da elaboração do arquétipo do curador-ferido na vida do analista. A autora discorre sobre livros e artigos de periódicos que endereçam o tema. ■



Palavras-chave
Arquétipo do curador-ferido, individuação, elaboração simbólica.

* Adaptado de palestra proferida no 7º Congresso Latino Americano de Psicologia Analítica, realizado em Buenos Aires no ano de 2015.
Médica pela USP, psiquiatra pelo HC-FMUSP, membro analista da SBPA-SP e da IAAP, membro da Comissão de Ensino da SBPA-SP renata.ferraz.torres@gmail.com

O curador-ferido e a individuação

Este é um trabalho que se pretende ser além do teórico. A ideia não é discorrer teoricamente sobre o arquétipo do curador-ferido, mas compartilhar observações e questionamentos que possam aprofundar a vivência e levar a uma compreensão transcendente a respeito do tema. Para isso, trarei algumas histórias de curadores que também são feridos e de feridos que também são curadores.

Acredito sinceramente que buscar uma reflexão a respeito do arquétipo do curador-ferido, assim como a elaboração desse aspecto em sua individuação, é tarefa fundamental para qualquer profissional de saúde. O que dirá do analista.

Ninguém escolhe uma profissão de saúde de maneira incólume. Uma escolha como essa vem a serviço de algo, tem algum significado anímico profundo. Atende a uma vocação, a um *daimon*, para alguns. Para outros, pode ser um caminho defensivo, a serviço de uma sublimação, ou até representar uma formação reativa. Ao longo da vida de um mesmo indivíduo, essa resposta pode oscilar, sendo ora uma coisa, ora outra. Nesse sentido, permanecer com a pergunta pode ser mais proveitoso do que respondê-la apressadamente, na tentativa de se livrar do questionamento.

Como acontece com os arquétipos, podemos vivê-lo em diferentes níveis. O arquétipo do mestre-aprendiz é vivido num determinado aspecto enquanto se é aluno, e em outro, quando se torna professor. Assim é com o arquétipo da Grande Mãe ou do pai: num nível quando se ocupa o papel do filho, em outro nível, no papel parental. E assim também é com o arquétipo do curador-ferido: ele é vivido numa dimensão quando se é o curador, e em outra dimensão quando se tem uma ferida. Mas o que dizer daqueles que, ao longo da vida, ocupam as duas pontas do espectro, concomitantemente?

Na mitologia grega, temos que Quíron, o centauro que era versado nas artes da cura, levou

uma flechada não intencional de Hércules, seu discípulo. A flecha almejava atingir outros centauros e físgou Quíron na coxa, produzindo uma ferida muito dolorosa e que tinha a propriedade de nunca cicatrizar. Nesse símbolo do centauro podemos observar a dualidade entre a razão (metade humana) e o instinto (metade cavalo), caracterizando um conflito entre a medida harmoniosa, apolínea, e a pulsão animal, dionisíaca. Aqui nasce, na referência da mitologia grega, um exemplo paradigmático do arquétipo do curador-ferido: Quíron ensina medicina, mas é incapaz de curar-se. Sendo imortal, deve carregar essa dor para sempre. Num trágico fim sacrificial, mas com um caráter também libertador, Quíron troca de lugar com Prometeu, conquista sua mortalidade morrendo e torna-se constelação por obra de Zeus. Outro aspecto digno de nota é que Quíron é o mestre de Asclépio, pai da medicina.

Enquanto eu cursava a faculdade de medicina, refleti muito sobre essa dualidade: ser curador e ser ferido, concomitantemente. Ora parecia-me incompatível, em outros momentos, sentia uma esperança de que as duas pontas poderiam se dar as mãos. Ao olhar para os lados, eu não via muitos exemplos de médicos ou estudantes portadores de alguma enfermidade. Pegava-me pensando, também, que muitas pessoas têm feridas não expostas, e que podem estar vivendo a dualidade do arquétipo do curador-ferido sem que ninguém perceba. Feridas psíquicas, angústia existencial, quando não uma doença mental.

Lembro-me, no entanto, do espanto que tive numa aula de genética em que discutíamos os limites éticos da tecnologia. Um colega expressou que achava que seria um ótimo médico, pois nunca ficava doente. Senti um grande estranhamento. Para minha surpresa, nem a professora nem os outros alunos esboçaram qualquer inquietação, e a aula seguiu normalmente após aquela declara-

ção. Esse fato aconteceu há cerca de 20 anos, e sua lembrança ainda é nítida em minha memória. Essa passagem ilustra a tendência a considerar que o médico não sofre ou adocece, que sua vivência é diametralmente oposta à do paciente. É uma tendência perigosa, pois cinde arquetipicamente a dualidade curador/ferido, aumentando a distância entre o médico e seu paciente, contribuindo para uma relação entre eles que é desfavorável. Além do mais, não é verdadeira: a qualquer momento o médico pode adoecer e, neste prisma apolíneo, encontra-se despreparado para enfrentar o outro polo.

Ao longo dos anos, dois livros me influenciaram muito, e trago-os comigo, como leitura de referência, nesse aspecto de grandes curadores portadores de feridas incuráveis. Ambos foram escritos por mulheres norte-americanas e têm uma força própria que só o relato autobiográfico é capaz de atingir.

Uma das autoras é a psicóloga Kay Redfield Jamison (JAMISON, 2009), que é professora de psiquiatria na Universidade Johns Hopkins, nos EUA. Ela é um grande expoente no estudo do transtorno afetivo bipolar. Escreveu muitos artigos científicos sobre o tema, inclusive sendo coautora de um compêndio sobre a doença, publicado em 1990, que se tornou uma grande referência no campo de estudo psiquiátrico. Pois em 1996, Kay surpreende ao publicar um livro autobiográfico revelando ser ela própria portadora do transtorno bipolar. No livro, relata seus dramas pessoais e a batalha com a doença que a levou a depressões seríssimas, inclusive com uma tentativa de suicídio, além de manias psicóticas e estados mistos, em que se experimenta concomitantemente sintomas de depressão e de mania. Também escreve sobre sua batalha na aceitação do remédio maravilhoso e maldito que a fez passar por muitos efeitos colaterais, mas que terminou por salvar sua vida: o lítio.

A outra autora que é para mim um exemplo é a médica Rachel Naomi Remen (REMEN, 1998), pediatra de formação, chegou a ser catedrática e diretora-adjunta da clínica de pediatria da Univer-

sidade de Stanford, na Califórnia. Rachel hoje trabalha como terapeuta em psico-oncologia, além de atender outras pessoas portadoras de doenças graves, com expectativa de vida curta. Sua história como paciente é pungente e extraordinária: aos 15 anos foi diagnosticada com um grave caso da doença de Chron, uma patologia intestinal de difícil manejo. Desde a adolescência foi submetida a doses tóxicas de medicação, a única alternativa para mantê-la viva, passando por diversas cirurgias grandes. Teve muitas ocorrências dramáticas, como entrar em coma depois de um sangramento muito forte no início da doença, ganhar uma barba cerrada aos 16 anos de idade em decorrência do uso de altas doses de corticoide, a ponto de ter que se barbear todos os dias. Além disso, ainda em decorrência da toxicidade das medicações que almejavam mantê-la viva, Rachel sofreu fraturas espontâneas em diversos ossos, quase morreu depois de uma cirurgia, e teve uma perda significativa de sua visão por catarata e glaucoma. Aos 29 anos, teve boa parte de seu intestino removido cirurgicamente, ficando com uma bolsa de ileostomia. Recebeu sentença de morte de médicos, que disseram que ela não chegaria à meia-idade. Em função disso, desistiu de se casar e de ter filhos, mas está viva até hoje, aos 76 anos de idade, dando palestras, *workshops*, atendendo na clínica e sendo autora de alguns livros que considero extraordinários. Essa pessoa, com uma história de doença tão dramática, é uma incrível curadora.

“Uma mente inquieta”, de Kay Redfield Jamison, e “Histórias que curam”, de Rachel Naomi Remen, são livros que recomendo fortemente para qualquer estudante ou profissional de saúde que queira se aprofundar no testemunho do que é viver as duas polaridades do arquétipo do curador-ferido concomitantemente.

Em seu livro, Remen (1998) conta diversas histórias sobre seus pacientes e outras sobre si mesma. Uma dessas histórias de que gosto especialmente é a respeito de sua recuperação após uma cirurgia abdominal de emergência, motivada por peritonite e sépsis. Rachel conta que, ao ser levada às pressas para a sala de operação, o cirurgião – também

um amigo pessoal – disse, correndo ao lado de sua maca: “você sabe, devido à infecção, teremos que conseguir uma cicatrização por aderência primária” (REMEN, 1998, p. 83). Rachel comenta que essa conversa era típica de colegas médicos, como se estivessem dissociadamente discutindo teoria a respeito de um paciente que não estava presente. Relata que ao ouvir “aderência primária”, cheia de remédios e se sentindo muito mal, não atinou para o significado da expressão. Aderência primária significa não dar pontos, deixar a ferida aberta para que o próprio organismo feche lentamente a abertura cirúrgica, em seu próprio tempo, pois a ferida está infectada e não deve ser fechada para dar a oportunidade de que o organismo purgue e se livre da infecção. Rachel só se deu conta no dia seguinte da cirurgia, quando a enfermeira veio trocar seu curativo, e ela, horrorizada, vê uma grande ferida aberta, como tantas vezes vira durante uma cirurgia em um paciente anestesiado, antes que fossem dados os pontos. Ficou terrivelmente chocada, pensando que não havia como uma coisa dessas sarar. Nos dias subsequentes, não olhava para a ferida durante a troca de curativo operada pela enfermeira, cética e desesperada. Depois de mais ou menos uma semana, ocorreu a ela que, afinal de contas, continuava viva. Talvez ela não fosse morrer em consequência daquela ferida. Pensou muitas coisas sobre o que fazer com aquela lacuna – a seu ver impossível de ser preenchida – antes de tomar coragem e olhar novamente a cicatriz cirúrgica. Quando finalmente olhou, percebeu que a cicatriz começava lentamente a se fechar. Isso passou a ser um ritual diário: a enfermeira vem trocar o curativo da cicatriz e Rachel observa “aquela grande ferida, do modo lento e paciente de todas as coisas naturais, gradualmente se tornava uma cicatriz da espessura de um fio de cabelo” (REMEN, 1998, p. 37). Observa como ela, médica, não tinha nenhum controle sobre aquilo, o que se constituiu numa experiência “que infunde humildade”.

Humildade é uma palavra-chave na vivência orquestrada pelo arquétipo do curador-ferido. Não é possível controlar nem conduzir alguns processos de cicatrização e regeneração: eles têm seu pró-

prio tempo, cabe apenas observá-los, aguardá-los e muitas vezes admirá-los. A cura possível virá no tempo possível, e é preciso aprender a ficar em paz com essa realidade. A palavra aceitação também tem um lugar cativo nesse processo. Algo acontecerá de dentro para fora, e cabe apenas aceitar.

O livro de Kay Redfield Jamison (2009) é mais linear do que o livro de Rachel. Enquanto o segundo pode ser lido de forma não consecutiva, pois conta inúmeras histórias, algumas em que Rachel figura como curadora e outras, como paciente; o livro de Kay conta sua biografia cronologicamente, desde menina crescendo com seus pais e irmãos até a idade madura, passando pelos múltiplos episódios de transtorno afetivo bipolar. É notável a gravidade de seu quadro, pois ela chegava a ter manias psicóticas em que experimentava delírios e alucinações. Tão notável quanto o aspecto patológico, está também a fibra e tenacidade com que se agarra à vida. E é muito bonita a descrição da aliança terapêutica que constitui com o seu psiquiatra, o qual via semanalmente, e ambos estabeleceram um vínculo de muito respeito, cumplicidade e seriedade. Além da medicação, Kay enfatiza a importância da psicoterapia mesmo em casos psiquiátricos graves. Suas mazelas fizeram com que compreendesse e tivesse empatia por pacientes com transtorno bipolar do humor que tinham dificuldades semelhantes às suas, como, por exemplo, a aceitação da medicação. Conta minuciosamente como era difícil aceitar o lítio, que lhe trazia efeitos colaterais importantes – vale dizer que naquela época tomava-se doses substancialmente superiores, e a composição da medicação era um pouco diferente – e a colocava numa linha de normalidade que lhe parecia medíocre. Queria dormir quatro horas por noite e se sentir suficientemente descansada, porém isso só acontecia quando estava numa leve hipomania, que durava poucos dias e logo escorregava para uma mania desastrosa.

Após o livro autobiográfico, Kay escreveu outro volume, intitulado “Tocado pelo fogo: a doença maníaco-depressiva e o temperamento artístico” (REMEN, 2007), em que descreve casos de

artistas já falecidos nos quais existe um provável diagnóstico de transtorno de humor bipolar e um traço de genialidade. No livro, ela examina as relações entre o temperamento artístico, um desajuste psiquiátrico e a genialidade. De fato, a autora organizou junto com um amigo músico uma série de concertos com a Filarmônica de Los Angeles em um programa baseado na música de alguns compositores que sofreram com o transtorno bipolar. O objetivo era despertar a consciência para os transtornos mentais e também um olhar para a criatividade que acompanha tais temperamentos.

Nesse sentido, Kay convida-nos a um certo “elogio ao desajuste”: no doente mental existe muita criatividade. A esse respeito, escreveu Kay:

Há muito tempo abandonei a noção de uma vida sem tempestades, ou de um mundo sem estações secas e assassinas. A vida é por demais complicada, é constante demais nas suas mudanças para ser diferente do que realmente é. E eu sou, por natureza, instável demais para ter outra atitude a não ser de uma profunda desconfiança diante da grave artificialidade inerente a qualquer tentativa de exercer um controle excessivo sobre forças essencialmente incontroláveis. Sempre haverá elementos perturbadores, propulsores [...]. No final das contas, são os momentos isolados de inquietude, de desolação, de fortes convicções e entusiasmos enlouquecidos, que caracterizam nossa vida, que mudam a natureza e a direção do trabalho e que dão colorido e significado final ao amor e às amizades (JAMISON, 2009, p. 258).

Tais reflexões são importantes contrapontos à cultura vigente, que tende a valorizar exclusivamente o equilíbrio, a previsibilidade, a estabilidade. Também na instabilidade se encontram forças curadoras e regeneradoras. Rachel escreve:

Frequentemente, um período de crises é um período de descobertas, um tempo

em que não conseguimos manter o antigo modo de fazer as coisas e entramos em uma acentuada curva de aprendizado. Às vezes é preciso uma crise para iniciar o crescimento (REMEN, 1998, p. 109).

Estamos aqui nos concentrando em exemplos nos quais os profissionais de saúde têm uma doença crônica, mas o mesmo pode ser vivido quando eles têm uma doença aguda, ou quando uma doença crônica é deflagrada. Os abalos na transferência e contratransferência são inevitáveis, pois agora o profissional precisará cuidar não só do outro, como também de si mesmo. Ele pode precisar se ausentar do consultório por um período ou pode ser capaz de continuar os atendimentos, mas sob a constelação do arquétipo do curador-ferido tendo ativado a figura do médico ferido em si, o que necessariamente vai afetar a sizígia analista/analizando.

O autor junguiano Groesbeck publicou o ótimo artigo “A imagem arquetípica do médico ferido” no primeiro volume da Revista Junguiana. Nele, o autor aponta:

A verdadeira cura só pode acontecer quando o paciente entra em contato com seu “médico interior” e dele recebe ajuda. E isto só pode se dar caso sejam retiradas as projeções feitas sobre a persona do médico. Para tanto, é necessário que o médico entre em contato com o seu próprio lado ferido (GROESBECK, 1983, p. 77).

A partir dessa reflexão, percebemos o quanto é importante a tal humildade de que nos fala Rachel. Um médico ou terapeuta arrogante e identificado com a face exclusivamente apolínea da profissão de cura pode prejudicar o paciente em seu processo. A história de vida de Groesbeck demonstra uma vivência ativada do arquétipo do curador ferido: em sua primeira infância, o dedo médio de sua mão direita foi violentamente decepado num acidente. Conta que já era adulto, casado e com filhos quando teve um sonho que

modificou sua maneira de ver a profissão. No sonho, ele estava perto de casa, procurando animais. Avista um macaco com um camundongo que tinha uma mão direita esquisita, semelhante à sua. O macaco então coloca e tira a mão de um cesto contendo fezes. Ao acordar, reflete que o sonho parecia dizer que o trabalho de ser curador requer também que, às vezes, o lado ferido e as áreas vulneráveis devam ser constantemente submetidos à exposição do lado sombrio da vida real, para se ficar com as mãos sujas e se conseguir manter em contato com o que quer que seja que os pacientes tragam, numa relação terra a terra. Considera que o sonho parecia dizer-lhe que, para que ele fosse um verdadeiro curador-ferido, deveria manter constantemente a “mão na massa” e somente isso poderia promover o processo de crescimento.

O filósofo gaúcho Gerd Bornheim (2009) escreveu longamente sobre a experiência negativa, como sendo responsável pelo despertar para a filosofia e o aprofundamento do hetero e autoconhecimentos. Ressalta a experiência negativa – que, para nossa reflexão, pode ser representada pela vivência da ferida incurável na vida do profissional de saúde – como sendo fundamental na saída de uma posição dogmática e de identificação com o mundo. O autor coloca que a experiência negativa é um passo necessário para se desenvolver o espírito crítico, o questionamento e a inquietação, condições precípuas ao filosofar. Acredita que a experiência negativa acarreta numa “perda do mundo”, mas também de uma “reconquista do mundo”, motivado pela reflexão e metanoia.

Podemos refletir sobre as feridas na vida do próprio Jung. Desde as vulnerabilidades da infância, quando, depois de uma ocorrência traumática, não queria mais ir à escola e sofria de desmaios, até o período frágil e perturbador que viveu depois da ruptura com Freud, período em que tinha visões e experiências psíquicas assustadoras e desconcertantes. Nesse período, embora não tenha deixado de atender pacientes, atendia em menor número, e trabalhava com as mãos intensivamente, esculpindo, pintando, escrevendo.

Adolf Guggenbühl-Craig (1983), também num artigo publicado no primeiro volume da Revista Junguiana, discorre sobre o que chamou de arquétipo do inválido e sobre os limites da cura, tanto na análise quanto na medicina. Faz uma distinção entre o arquétipo do inválido (que governa aquilo que nunca poderá ser curado) e o arquétipo da criança (que está temporariamente dependente, mas vai crescer e tornar-se autônoma). De fato, muitas são as vezes em que um doente é tratado como uma criança, quando lhe é dito: “me dá o bracinho”, “é só uma picadinha”, dentre outros diminutivos afetivos e regressivos, que podem ser irritantes ou mesmo desconcertantes. Guggenbühl-Craig faz uma importante observação: de que “a vida pode ser vivenciada sob a estrela da saúde ou da doença, independentemente do real estado de saúde” (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1983, p. 100). Assim como o arquétipo da grande mãe pode ser fortemente constelado na vida de uma mulher sem filhos, o arquétipo do inválido pode aparecer na vida de uma pessoa que não esteja particularmente vivendo uma situação de doença. O autor observa que o arquétipo do inválido pode ter um efeito positivo sobre alguém que o vivencia, infundindo modéstia e contrapondo-se à soberba. Pode constelar em outras pessoas à sua volta bondade e paciência. Ressalta também que nossa cultura vive num tempo em que existe um furor curandis: antigamente as pessoas passavam pela vida com um temperamento melancólico, hoje em dia precisam ser rapidamente medicadas. É claro que existe aí um avanço tecnológico louvável, que representa um acréscimo, mas é importante refletir o quanto vamos ficando intolerantes com sofrimento: tudo precisa ser curado, tratado, bem-sucedido, superado.

Henry Abramovitch, analista junguiano ligado à Sociedade de Israel, esteve no Brasil ministrando uma conferência sobre o arquétipo do curador ferido e sua vivência em primeira pessoa, tendo ele passado por um câncer. Precisou se ausentar da prática clínica subitamente depois do diagnóstico, para submeter-se a

tratamento que incluía quimioterapia, perda de cabelo, e outros efeitos colaterais oncológicos. Contou como foi o processo de sofrer as modificações acarretadas pela doença, e como isso impactou seu consultório, com as fantasias e pensamentos contratransferenciais e transferencias. Explorou suas práticas pregressas, e percebeu que há um quê de onipotência quando dizemos a um paciente no momento de alta que “se quiser voltar, as portas estarão sempre abertas”. Quem garante que estaremos sãos, ou mesmo vivos? (informação verbal).¹

De fato, a pequenez no ego diante dos desígnios do *Self* é tremenda. Nosso estado de saúde física e psíquica é, no máximo, um equilíbrio dinâmico, um barquinho de papel num oceano.

Viktor Frankl (2008), em seu livro pioneiro sobre os campos de concentração, “Em busca de sentido”, relata que a própria sobrevivência pode depender de buscar e encontrar um significado para aquilo que se vive. Nos campos de concentração, aqueles que conseguiram manter um senso de significado e propósito em seu sofrimento foram mais capazes de sobreviver às privações e atrocidades de sua vida diária do que os outros para quem o sofrimento não tinha sentido.

Um texto anônimo, desses que circula na internet, diz: “Carregue sua cruz com classe”, e depois continua em estrofes enaltecendo a importância de não ser presa de uma autocomiseração que pode ser paralisante. Eu gosto mais do título do que do texto. Carregue sua cruz com classe pode ser uma elegia ao fato de que cada um de nós carrega uma cruz, uma ferida. Uma das tarefas da vida é dar conta do sofrimento, da experiência negativa de que nos fala Gerd Bornheim (2009), e a partir da qual é possível o autoconhecimento e a dedicação ao outro.

Rachel Remen (1998) conta uma história sobre um seminário organizado por Joseph Campbell para médicos sobre a experiência do sagrado. Ela estava presente na plateia, e Joseph Campbell foi mostrando diversos *slides* de ima-

gens sagradas: pinturas, estátuas, cerâmicas, tapeçarias e vitrais de diversos lugares e épocas. Mostra uma imagem de Shiva, o deus hindu, dançando em círculo com brasas feitas de bronze. As mãos de seus muitos braços seguram símbolos da abundância do mundo espiritual. Enquanto ele dança, um de seus pés fica erguido bem no alto, e o outro é sustentado pelas costas nuas de um homenzinho agachado na terra, que tem toda a sua atenção voltada para uma folha que está na sua mão. Os médicos, treinados na observação, apesar da beleza do deus dançante, focaram sua curiosidade no homenzinho curvado. Perguntaram a Joseph Campbell, que começou a rir, explicando que o homenzinho é uma pessoa tão absorpta no estudo do mundo material que nem mesmo percebe que um deus vivo dança em suas costas. Rachel observa que existe um homenzinho desses em cada um de nós.

As artes da análise, às vezes, nos exigem o movimento oposto ao de focalizar a atenção no homenzinho; tentar ver a chamada *big picture*, escutar e compreender o outro de uma forma mais integrada e vivenciar tanto o sagrado e quanto o profano das relações.

Podemos a qualquer momento nos interiorizar e perguntar-nos, profundamente: estou em contato com minha ferida pessoal? Que tenho feito de minha relação com ela? Como posso compreender mais a respeito de minha trajetória como curador-ferido?

Aquele analista que conseguir estar em contato profundo com sua ferida interior, e também em contato com os aspectos curador e ferido de seu paciente, poderá operar a função transcendente. Trilhar sua individuação e contribuir para que seu paciente trilhe a dele.

Vou citar Rachel Remen quando diz:

Todo mundo que está vivo já sofreu. É a sabedoria adquirida com nossas feridas e com nossas experiências de sofrimento que nos capacita para curar. Tornar-me uma especialista revelou-se menos importante do que lembrar-me da integri-

¹ Informação fornecida por Henry Abramovitch durante palestra em São Paulo, em mar. 2012.

dade que há em mim mesma e em todas as outras pessoas e confiar nessa integridade. Os conhecimentos especializados curam, mas pessoas que sofrem são mais bem curadas por outras pessoas que sofrem. Somente outras pessoas sofredoras podem compreender o que é necessário, pois a cura para o sofrimento está na compaixão (REMEN, 1998, p. 189).

Quero finalizar lembrando que se diz que, quando os japoneses consertam objetos quebrados, eles exaltam o dano sofrido preenchendo as rachaduras com ouro. Eles acreditam que, quando algo já sofreu danos e tem, portanto, uma história, torna-se mais bonito e único. ■

Recebido em: 23/02/2018

Revisão: 16/05/2018

Abstract

The wounded healer and individuation

This article reflects on the importance of the elaboration of the wounded healer archetype in the life of the analyst. The author talks about books and articles that addresses the theme. ■

Keywords: the wounded healer archetype, individuation, symbolic elaboration.

Resumen

El curador-herido e la individuación

Este trabajo hace reflexiones que tratan de la importancia de la elaboración del arquetipo del curador-herido en la vida del analista. La autora escribe sobre libros y textos de periódicos que se dirigen al tema. ■

Palabras clave: el arquetipo del curador-herido, la individuación, elaboración simbólica.

Referências

BORNHEIM, G. A. *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. São Paulo: Globo, 2009.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 25. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

GROESBECK, C. J. A imagem arquetípica do médico ferido. *Junguiana*, v. 1, p. 72–96, 1983.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. O arquétipo do inválido e os limites da cura. *Junguiana*, v. 1, p. 97–106, 1983.

JAMISON, K. R. *Uma mente inquieta: memórias de loucura e instabilidade de humor*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

REMEN, R. N. *Histórias que curam: conversas sábias ao pé do fogão*. 3. ed. São Paulo: Ágora, 1998.

Anima-animus de todos os tempos

ALVARENGA, Maria Zelia de (Org.). São Paulo: Escuta, 2017.

Ana Maria Cordeiro*

As relações anímicas estiveram presentes em todos os tempos da história humana, sob as mais variadas manifestações, cumprindo, desde todo sempre, incontáveis demandas. Entre essas tantas, constatamos as que povoam os relacionamentos anímicos e são permeadas por vivências de caráter fisiológico (prazer físico-libidinoso e, eventualmente, de preservação da espécie); constatamos, outrossim, as vivências de caráter espiritual (mental, ideativo, afetivo). Mas, mais que tudo, as relações anímicas proporcionam aos seres humanos condições para a realização da meta maior do processo de individuação, qual seja, sa-

ber-se como o novo *Anthropos*, conceito simbólico da forja da *coniunctio* em si mesmo.

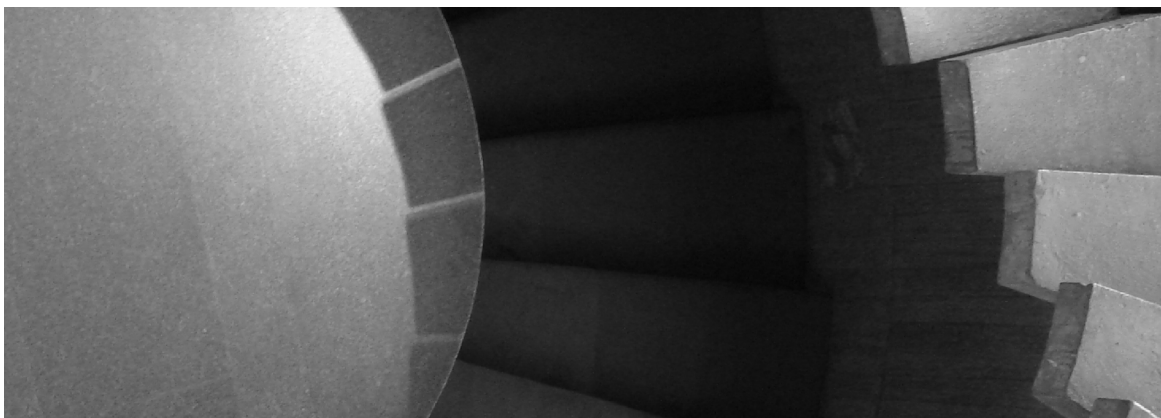
A proposição primeira do texto é pensar as emergências anímicas (*anima* e *animus*) como estruturas arquetípicas presentes tanto no homem como na mulher. A par disso, como proposição fundamental, os inúmeros encontros anímicos simbólicos estruturam o caminho para que a demanda da *coniunctio* de si consigo mesmo se realize, com o que o **autocohecimento** se faz e o processo de individuação se cumpre.

O texto carrega-se de dramas tragédias, descobertas, mistérios que se fundem, evocando emoções necessárias à transformação da personalidade. Anuncia a jornada humana a ser empreendida, na qual se lida com sonhos e desi-

lusões, encontros, desencontros, e leva à compreensão de como a vida passa pelas mortes. Os encontros anímicos concorrem para a humanização, e humanizar implica incorporar a condição de morrer como fundamental para alcançar um tempo novo da consciência.

A natureza demanda formar consciência para que a humanização se faça. Humanizar significa colaborar, compartilhar o que se tem e o que se é, aceitar diferenças, tornar-se aquele que se faz mestre e aluno, amante e amado, e passa a tocha do conhecimento, da compaixão, do amor e da responsabilidade.

Este livro leva a pensar na responsabilidade de concorrer para o crescimento e realização do outro, sem o que nunca seremos plenos. ■



* Psicóloga, membro analista, Diretora de Cursos e Eventos da SBPA/SP
anamacor@uol.com.br



Intimidade em Relações Amorosas

LIMA FILHO, Alberto Pereira; LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018.

Álvaro Nascimento*

Intimidade em relações amorosas tem a capacidade de fazer o leitor se ver refletido em cada uma de suas 140 páginas. Essa dimensão é a mais marcante da obra, pois torna-se impossível não ampliar nossa sensibilidade, nossa consciência, nossos valores e reavaliar conceitos e formas com que

lidamos com nossas intimidades. A pesquisa que sustenta o livro é preciosa para o exame dos comportamentos e conceitos que carregamos, dos tipos de vínculo, da abertura a cada um e das defesas e reflexões a respeito das intimidades que nos permitimos gozar.

O tratamento das intimidades como fenômeno relacional surpreende, estimula e passa a nos perseguir após fecharmos

o livro, impondo novas elaborações, comportamentos e até mesmo desejos. A obra segue com você, te provocando.

O livro é bem estruturado, tem capítulos e considerações finais concisos, sem “gorduras”, o que torna a leitura também prazerosa. Sua linguagem atinge desde um pós-doutor até um aluno do ensino médio, sem que isso cause rebaixamento na análise ou imprecisão. ■



* Jornalista (UFF), Mestre e Doutor em Saúde Pública (IMS-UERJ).
E-mail: <alvarocesarnascimento@gmail.com>



Normas para publicação de artigos

A revista Junguiana, periódico científico da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, editada pela primeira vez no ano de 1983, destina-se à divulgação de trabalhos inéditos, que contribuam para o conhecimento e o desenvolvimento da psicologia analítica e ciências afins, em um espírito aberto ao debate científico, cultural, social e político contemporâneo. Com periodicidade semestral, a revista aceita artigos originais, de revisão, casos clínicos, comunicação breve, entrevista e resenha.

Para mais informações sobre as normas de publicação acesse o site da SBPA:
<http://sbpa.org.br/portal/acervo/normas-para-publicacoes/>.

Guidelines for publishing articles

Junguiana is the scientific Journal of the Brazilian Society for Analytical Psychology, published for the first time in 1983 and directed towards the dissemination of unpublished works that contribute to the knowledge and development of analytical psychology and related sciences, with an openness towards scientific, cultural, social and contemporary political debate. Twice a year, the journal accepts original and review articles, clinical cases, brief announcements, reviews and interviews.

For further information about publication rules visit SBPA site:
<http://sbpa.org.br/portal/acervo/normas-para-publicacoes/>.

Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica
Rua Dr. Flaquer, 63 – Paraíso – CEP 04006-010 – São Paulo (SP)
Telefax (11) 2501-4859
www.sbpa.org.br

